

CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA – UniCEUB
FACULDADE DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO – FACE
CURSO – PEDAGOGIA – FORMAÇÃO DE PROFESSORES PARA AS
SÉRIES INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL – PROJETO
PROFESSOR NOTA 10

MARLUCE PAULA DE ARAÚJO
NEUZETE LEITE DA SILVA
PATROCÍNIA ARAÚJO DOS SANTOS
SELMA LILA DE SOUZA

DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM:
ENFOQUE NA LEITURA E ESCRITA

Brasília, 2005

MARLUCE PAULA DE ARAÚJO
NEUZETE LEITE DA SILVA
PATROCÍNIA ARAÚJO DOS SANTOS
SELMA LILA DE SOUZA

DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM
ENFOQUE NA LEITURA E ESCRITA

Trabalho apresentado ao Centro
Universitário de Brasília – UniCEUB como
parte das exigências para conclusão do
Curso de Pedagogia – Formação de
Professores para as Séries Iniciais do Ensino
Fundamental – Projeto Professor Nota 10

Orientadora: Ciomara Schneider

Brasília, 2005

DEDICATÓRIA

Dedicamos o fruto de nosso trabalho a todos que estiveram sempre ao nosso lado, nos dando forças para continuar nossa jornada.

Hoje, estamos felizes por ter concluído mais uma etapa em nossas vidas. O prazer de ver nossos sonhos realizados contribuiu significativamente para nosso enriquecimento pessoal e profissional.

O afeto, o carinho e a paciência que nossos familiares, amigos, colegas e professores do curso de Pedagogia - Séries Iniciais- Projeto Professor Nota 10 / UniCEUB dispensaram para conosco foi de fundamental importância para conseguirmos chegar até a reta final.

Queremos compartilhar nossa vitória com todos, que de maneira direta ou indireta, participaram de nossa caminhada.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar agradecemos à DEUS pelo desempenho que conseguimos alcançar.

Agradecemos de forma especial à todos familiares que estiveram sempre do nosso lado nos incentivando e dando forças para concluir nosso projeto de vida. Foi o apoio recebido nas horas difíceis e de fraqueza que contribuíram positivamente para que alcançássemos nossa vitória.

Aos professores de curso, orientadores, colegas e toda a equipe do UniCEUB, que nos receberam com carinho e nos ajudaram a alcançar nossa meta, queremos expressar nossos sinceros sentimentos de gratidão.

Por fim, nossos agradecimentos em especial para nossa orientadora Ciomara Schneider que foi muito atenciosa e dedicada em todo o processo de elaboração e conclusão desta monografia.

A escola

*Escola é...
o lugar onde se faz amigos
não se trata só de prédios, salas, quadros, programas,
horários, conceitos...
Escola é, sobretudo, gente,
gente que trabalha, que estuda,
que se alegra, se conhece, se estima.
O diretor é gente,
o coordenador é gente, o professor é gente,
o aluno é gente,
cada funcionário é gente.
E a escola será cada vez melhor
na medida em que cada um
se comporte como colega, amigo, irmão.
Nada de “ilha cercada de gente por todos os lados”.
Nada de conviver com as pessoas e depois descobrir
que não tem
amizade a ninguém
nada de ser como o tijolo que forma a parede,
indiferente, frio, só.
Importante na escola não é só estudar, não é só
trabalhar,
é também criar laços de amizade,
é criar ambiente de camaradagem,
é conviver, é se “amarrar nela”!
Ora, é lógico...
numa escola assim vai ser fácil
estudar, trabalhar, crescer,
fazer amigos, educar-se.
Ser feliz.*

(PAULO FREIRE)

RESUMO

Com a pretensão em fornecer informações sobre as dificuldades de aprendizagem, com enfoque na área da linguagem -leitura e escrita- apresentadas por alunos que cursam as séries iniciais do Ensino Fundamental, e tendo como fundamentação teórica concepções relacionadas aos fatores externos que interferem no processo de ensino e aprendizagem; realizamos este trabalho. Para isso, utilizamos como fundamentação a pesquisa teórica, onde apresentamos teorias e conceitos diversos relativos ao nosso tema, o que nos possibilitou explicitar nossas idéias de forma subjetiva, coerente e reflexiva sobre os tópicos abordados. Por meio dessa, foi possível relatar experiências direcionadas às dificuldades de aprendizagem, onde relatamos suas causas, seu percurso e as intervenções aprimoradas. Entretanto, compreendemos que a aprendizagem é um processo longo, contínuo e individual; pois o sujeito aprende por si só; e nesse caso o educador é um mero mediador. Podemos mencionar que as dificuldades advêm de fatores internos e externos, o que para nós o mais interessante foi abordar os fatores externos ao indivíduo. Essa pesquisa teórica possibilita reconstruir, conceitos, idéias, ideologias, polêmicas, aprimorando assim, fundamentos teóricos e enriquecendo a prática pedagógica. Sendo possível fazer um elo entre a teoria e a prática. Desenvolvemos também atividades e teorias que favorecem a prevenção e intervenção das dificuldades de aprendizagem, bem como a prática da psicomotricidade, o processo de alfabetização, educação infantil e a aquisição da leitura e escrita. E como esses intervêm nas dificuldades? De várias maneiras, desde a maturação até a alfabetização. Nós educadores devemos praticar com mais êxito atividades educativas que envolvam a leitura e a escrita, pois somente com a prática diária é que o educando será capaz de enfrentar os medos e as dificuldades surgidas no processo de aprendizagem. No mais, fica explícito que impor regras no processo de aquisição da leitura e escrita, é o mesmo que impossibilitar o discente de se comunicar. Suas dificuldades muitas vezes são entendidas como algo já saturado e por isso os docentes não investem em sua promoção, na verdade trabalhar com esse educando de maneira individualizada é um trabalho árduo e requer disposição. Porém, aqueles que o fazem se sobressaem vitoriosos – tanto educando e educador – pois, de fato a aprendizagem é significativa para ambas as partes.

Palavras-chave: - Dificuldades- Aprendizagem - Intervenção

SUMÁRIO

Introdução	8
Fundamentação Teórica	11
Capítulo 1 – O que são dificuldades de Aprendizagem	11
Capítulo 2 – O processo de aprendizagem mais significativo ao educando	18
Capítulo 3 – Fatores externos ao indivíduo que prejudicam o processo de aprendizagem	23
3.1 – Ambiente Familiar	23
3.2 – Ambiente Social	24
3.3 – Ambiente Escolar	25
3.4 – Fatores Individuais	29
Capítulo 4 – a importância da Psicomotricidade nas Dificuldades de Aprendizagem	30
Capítulo 5 – O processo de Alfabetização e a Educação Infantil como prevenção das Dificuldades de Aprendizagem	36
Capítulo 6 – A aquisição da Leitura e Escrita	41
Capítulo 7 – Análise dos dados	45
Considerações Finais	50
Referência Bibliográfica	52
Anexos	54

INTRODUÇÃO

O tema apresentado aborda as dificuldades de aprendizagem na leitura e escrita nas séries iniciais do Ensino Fundamental, levantando os possíveis fatores que interferem na percepção dos alunos dificultando o processo de aprender a ler e escrever.

Por acreditarmos que a maioria das crianças, principalmente os da Rede Pública, apresentam alguma dificuldade no processo escolar, é que este trabalho pesquisou os fatores externos ao indivíduo que interferem no processo de aprendizagem. Pois, perceber uma criança com esse aspecto não é uma tarefa fácil, o que requer da parte dos educadores uma atenção maior em trabalhar de forma coerente e precisa, proporcionando aos alunos que apresentam dificuldades de aprendizagem um desenvolvimento favorável e mais proveitoso.

Vários estudos nos levam a crer que o docente “sozinho” não é capaz de realizar um trabalho eficaz e produtivo em sala de aula. Não basta apontarmos os culpados pelo fracasso no processo escolar, mas sim, analisarmos o porquê dessa deficiência na aprendizagem persisti em nossas escolas, buscando medidas preventivas que visem diminuir o alto índice de crianças que apresentam dificuldades na área da linguagem (leitura e escrita).

Sabemos que as dificuldades de aprendizagem aparecem quando a prática pedagógica diverge das necessidades do aprendiz. Sendo a aprendizagem significativa para o aluno, o processo tornar-se-á menos rígido, mais flexível, menos bloqueado; ou seja, levará em conta os sentimentos, interesses, limitações e necessidades da criança.

Daí a importância em compreendermos as dificuldades de aprendizagem apresentadas por muitos alunos das séries iniciais do Ensino Fundamental, pois, a partir desse conhecimento o educador será capaz de identificar possíveis causas geradoras das dificuldades no processo da aquisição da leitura e escrita.

No entanto, o número de casos de alunos que apresentam dificuldades de aprendizagem na leitura e escrita nas séries iniciais são elevados, gerando assim conflitos e aflição constantes entre professores. No mais, o desconhecimento e despreparo do professor podem ser um dos fatores que interferem no processo de aprendizagem, o que de fato será analisado no decorrer dessa pesquisa. Visto que são vários os fatores que

interferem no processo de aprendizagem do educando, destacamos que cada caso é específico.

Dessa forma, o educador não está preparado para diagnosticar, nem solucionar problemas dessa natureza; porém, antes de realizar o encaminhamento desse educando a um atendimento específico, é preciso considerar que as possibilidades do problema não são apenas do educando, mas de sua prática pedagógica. E com todos esses subsídios, o educador terá condições para intervir adequadamente nos diversos casos que venham surgir em sua prática pedagógica; pois, a cada descoberta uma proposta a se trabalhar, independente dos obstáculos que surgem a todo instante. O importante no momento é acreditar que é possível mudar a situação caótica em que se encontra o sistema Educacional, transmitindo o potencial necessário à aprendizagem de crianças com dificuldades na área da linguagem.

Certamente, são inúmeras as perguntas sobre este tema, das quais demandariam muito tempo e um longo estudo sobre as mesmas, e este é um processo longo e contínuo que deverão ser estudados com afinco e muita dedicação por parte daqueles que se sentem incomodados e vivenciam esses problemas em seu dia-a-dia e na sua prática pedagógica.

Portanto, o que nos desafia é a organização e implantação de uma prática pedagógica a partir de um modelo metodológico que solucione ou amenize algumas das dificuldades na aquisição da leitura e escrita apresentadas nas séries iniciais do Ensino Fundamental, onde o professor deve expressar principalmente, atividades e intervenções pedagógicas adequadas às necessidades dos alunos.

Para tanto, desenvolver um trabalho pedagógico orientado com esses propósitos, é preciso que o educador se torne cada vez mais capacitado em fazer uma análise da realidade à sua volta e do contexto de sua própria atuação.

Espera-se contudo, que por meio dessa pesquisa o educador possa refletir sua prática de uma maneira mais coerente com relação a esses educandos. Pois, o sucesso na aquisição da leitura e escrita depende principalmente de suas atitudes, esforços e dedicação. E para isso, o mesmo deve constantemente indagar os empecilhos que atingem diretamente o processo de aprendizagem, dificultando ao educando um aprimoramento do mesmo.

É um desafio a todos os interessados nesse tema abordado; e apontar caminhos para uma suposta solução se torna gratificante e realizador, o que causa maior impacto e entusiasmo aos que pesquisam sobre as “Dificuldades de Aprendizagem”.

Então, como trabalhar com as prevenções e intervenções sobre estas? Da maneira mais objetiva e mais cedo possível. Se prepararmos a criança com este fim – prevenção das dificuldades de aprendizagem – estaremos contribuindo para uma educação sólida e eficaz. Quando não for possível prevenir a essas, o educador precisa intervir por meio de práticas satisfatórias e adaptáveis. Nesse caso, um trabalho individual é o melhor caminho.

Encontrar respostas que incomodam muitos profissionais da educação, é uma das intenções dessa pesquisa. Perguntas essas, que surgem como ponto inicial de uma reflexão sobre a prática pedagógica. Pois, refletir a própria prática pedagógica é conscientizar-se da importância em participar da vida escolar do educando com dificuldades na aquisição da leitura e escrita. No mais, a fundamentação desse trabalho se fez por meio de uma seleção criteriosa de autores diversos que abordam temas referentes às “Dificuldades de Aprendizagem”, baseando-se na pesquisa teórica, é possível fazer um elo entre a teoria e prática, expondo a subjetividade de experiências variadas.

Contudo, contribuir de forma significativa, clara e coerente é o que se espera para as pessoas interessadas pela educação, principalmente aos educandos que atuam nas séries iniciais do Ensino Fundamental, fornecendo assim os conhecimentos mínimos e necessários sobre essas dificuldades de aprendizagem, facilitando o trabalho pedagógico realizado pelos educadores.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM: ENFOQUE NA LEITURA E ESCRITA

Capítulo 1 – O que são dificuldades de aprendizagem?

Definir as DA (Dificuldades de Aprendizagem) não é tarefa fácil, ao contrário, é um trabalho árduo e com dúvidas diversas. No entanto, de acordo com o National Joint Committee of Learning Disabilities – NJCLD – 1988, há uma definição precisa para essa deficiência:

Dificuldades de Aprendizagem é um termo geral que se refere a um grupo heterogêneo de desordens manifestadas por dificuldades significativas na aquisição e utilização da compreensão auditiva, da fala, da leitura, da escrita e do raciocínio matemático. Tais desordens, consideradas intrínsecas ao indivíduo, presumindo-se que sejam devidas a uma disfunção do sistema nervoso central, e podem ocorrer durante toda a vida. Problemas na auto-regulação do comportamento, na percepção social e na interação social podem existir com as dificuldades de aprendizagem. Apesar das Dificuldades de Aprendizagem ocorrerem com outras deficiências (por exemplo, deficiência sensorial, deficiência mental, distúrbios sócio-emocionais) ou com influências extrínsecas (por exemplo, diferenças culturais, insuficiente ou inapropriada instrução, etc.), elas não são resultado dessas condições (FONSECA, 1995, p. 71).

Essa definição causa dúvidas com relação às dificuldades, sendo necessário uma leitura atenta para evitar entendimentos confusos. A pergunta que se faz é: será que o indivíduo já nasce com as dificuldades, ou elas surgem com a interferência do meio?

Fonseca (1995), afirma que as verdadeiras dificuldades de aprendizagem são aquelas cuja origem é relativa a problemas orgânicos, genéticos, ligados diretamente ao Sistema Nervoso Central, sendo os outros fatores apenas parte deste processo e não causas, como citado anteriormente.

A partir deste conceito, é evidente que o termo “dificuldades de aprendizagem” se refere a problemas especificamente internos ao indivíduo, porém, essa pesquisa irá direcionar-se aos fatores externos ao indivíduo, onde há interferência no processo de aprendizagem. Torna-se necessário, então, discordar em parte da definição dada pela NJCLD citada por Fonseca (1995), pois, apesar de levantar os fatores extrínsecos ao

indivíduo, ela afirma que as dificuldades de aprendizagem não são resultado dessas condições. E mais, que estas se devem apenas a uma disfunção do sistema nervoso central (SNC) e que podem ocorrer durante toda a vida do sujeito. Fonseca, acredita que:

O enfoque das dificuldades na aprendizagem está no indivíduo que não rende ao nível do que se poderia supor e esperar a partir do seu potencial intelectual, e por motivo dessa especificidade cognitiva na aprendizagem, ele tende a revelar fracasso inesperado (FONSECA, 1995, p.72).

Ou seja, pode-se supor que o indivíduo apresenta dificuldades internas, causando um “entreve” no processo de aprendizagem. O autor acrescenta ainda a importância do campo de estudo, aprimorando o diagnóstico e seus resultados, evitando conclusões precipitadas e generalizações inapropriadas.

Não se deve rotular essas crianças como “problemáticas”, e sim, permitir às mesmas possibilidades de crescimento intelectual, apesar dos poucos recursos oferecidos aos educadores. Na área da leitura e escrita as dificuldades são as mais variadas e suas causas também.

Podemos citar os fatores internos e externos como as causas das dificuldades de aprendizagem, porém retrataremos aqui, apenas os fatores externos ao indivíduo, pois acreditamos que a dificuldade maior que o educando apresenta em ler e escrever está nas interferências surgidas pelo meio em que vive.

A aquisição da leitura e escrita não se faz apenas no âmbito escolar, mas em todo o percurso de sua existência. Um exemplo dessa aquisição é a leitura de mundo, claro que de forma menos minuciosa, pois a mesma acontece como uma linguagem oral, o que mais tarde irá favorecer o educando na decodificação da escrita, ou seja na linguagem escrita.

As dificuldades de aprendizagem surgem devido a bloqueios em alguma fase escolar e o educador despreparado não consegue perceber como e porquê essa deficiência surgiu. No que se refere a leitura e escrita, são inúmeros os fatores a serem analisados pelo educador, porém, será preciso um trabalho cuidadoso e detalhado de cada educando, o que na nossa realidade é impossível de acontecer.

Impossível pois, educadores alegam não terem recursos para esse tipo de avaliação. Recursos esses, que de fato estão longe de se alcançar: falta de estrutura escolar, ambientes inadequados, salas de aulas superlotadas, falta de informações dos familiares dos alunos e por fim a falta de apoio da equipe pedagógica e psicopedagógica.

Apesar de citarmos os fatores (internos e externos) que influenciam as dificuldades de aprendizagem, sabemos que concretizar uma pesquisa dessa natureza, requer tempo para unir teoria e prática. Existe uma grande variedade de teorias acerca das dificuldades de aprendizagem, porém nem todas articulam efetivamente a teoria e a prática. Por isso, acreditar que trabalhar com crianças heterogêneas haverá sempre contradições em todo o processo de aprendizagem, é sem dúvida o início de uma reflexão da prática pedagógica.

Essa heterogeneidade em sala de aula, faz com que o educador se confunda, dificultando assim a identificação de deficiências mais sérias. No mais, como o enfoque deste trabalho está nas dificuldades centradas na aquisição da leitura e escrita, isso tornará nosso estudo mais objetivo ao educador de séries iniciais do Ensino Fundamental.

Pensar em diferenciar as crianças que apresentam dificuldades na leitura e escrita das que não apresentam, pela sua aparência, é cometer equívoco. Não há características, nem comportamentos específicos para esses educandos, pois, as mesmas são semelhantes às dos educandos sem dificuldades na aprendizagem. É preciso aprofundar e analisar cada caso de maneira bem específica, destacando assim os fatores externos como causas principais (Ysseldike, 1993, p.73).

Por se tratar de um assunto complexo, não se tem um modelo único de avaliação diagnóstica precisa e verdadeira, causando uma ambigüidade nas realizações de atividades concretizadas pelos educandos. E mesmo que a identificação dessas dificuldades não esteja ao alcance de todos os educadores, esses não podem desanimar com seus educandos, nem ignorá-los em sala de aula.

Sabemos que as informações sobre as D.A. têm sido feitas gradativamente, principalmente, no que se refere aos fatores externos ao indivíduo. Estas, são sutis e dificultam a identificação de crianças que apresentam essas condições, exigindo do educador um cuidado e observação mais detalhada.

Com isso, o educador deve ser um facilitador do processo de aprendizagem, para que não haja surpresas nos resultados obtidos em sua prática, destacando que seus educandos apresentam alguma dificuldade de aprendizagem. Muitas vezes, o educador espera o máximo do educando e não consegue obter os resultados esperados, tão pouco se preocupa em ser um agente facilitador e mediador no processo de aprendizagem de seu educando. Sendo que para Smith “o que as crianças com dificuldades de aprendizagem têm em comum é o baixo rendimento inesperado” (SMITH, 2001, p. 15).

Então, como ajudar crianças a ler e escrever utilizando apenas o quadro-negro e giz? Como estimular o hábito da leitura, se as mesmas não têm acesso à gibis, revistas, jornais e livros? Como falar de um assunto atual, se a mesma não tem acesso a nenhum recurso tecnológico?

São por essas e outras interferências externas ao indivíduo que este trabalho visa levantar suas causas e propor ações que facilitem a prática pedagógica. Não há como incentivar e obter resultados significativos na aprendizagem se houver a presença de fatores que interfiram este processo. Smith (2001), ainda destaca que:

Na maior parte do tempo, elas funcionam de um modo consistente como o que seria esperado de sua capacidade intelectual e de sua bagagem familiar e educacional, mas dê-lhes certos tipos de tarefas e seus cérebros parecem “congelar”. Como resultado, seu desempenho na escola é inconsistente: emparelhadas ou mesmo à frente de suas classes em algumas áreas, mas atrás em outras (SMITH, 2001, p. 15).

Isso não quer dizer que suas dificuldades se originam de fatores internos, basta desenvolver atividades que estimulem essa “deficiência” e a criança poderá superá-la. Acredita-se ainda, que para a superação desses problemas é preciso desenvolver três aspectos: auto-conceito, auto-imagem e auto-estima. Com base nesses aspectos, pode-se afirmar que a criança terá mais segurança em realizar atividades de qualquer natureza (SOUZA, 2001).

Para tanto, é preciso conceituar esses aspectos para posteriormente compará-los e tomá-los como fundamentos preciosos à identificação das dificuldades; principalmente por abordarmos os fatores externos às dificuldades na aquisição da leitura e escrita. Segundo Mosquera (1977), auto-conceito refere-se:

Especialmente a situações vivenciadas que levam o indivíduo a ter, cada vez mais, uma experiência por intermédio da qual possa revelar uma certa possibilidade de se conhecer. Isto é, após cada experiência bem sucedida e vivenciada subjetivamente, evoca-se uma sucessão de experiências causadores de satisfação e consciência das potencialidades e capacidades pessoais. É um conjunto das potencialidades e capacidades pessoais. É um conjunto de características que o indivíduo aplica a si mesmo. (MOSQUERA, 1977, p. 29).

Portanto, o que se valoriza é a situação vivenciada pelo indivíduo, por esse motivo como formar um auto-conceito positivo se o sujeito não passou por nenhuma experiência diferente? É preciso conhecer a si mesmo, e a criança só desenvolve esse aspecto com ajuda externas.

Vivências essas que se dão com aulas criativas, oportunas e sociabilizadoras. A criança precisa se descobrir para então descobrir e respeitar as necessidades do outro. O educador deve preocupar-se com atividades que envolvam os educandos a essa descoberta única e precisa. Estar em grupo é um fator primordial para um bom desempenho escolar, não ocasionando assim, as dificuldades no processo de aprendizagem

A auto-imagem já está relacionada ao quadro que a pessoa faz de si. Diz respeito a compreensão do seu comportamento e a consistência que oferece. O que envolve toda a sua cultura e valores familiares.

Daí a importância do meio em que a criança se insere, a partir da análise dos fatores sócio-culturais, econômicos e sociais, o educador poderá formular questões sobre suas dificuldades na aprendizagem, bem como suas causas. Para que isso aconteça é fundamental o compromisso do educador com o propósito de sanar as dificuldades surgidas.

Ter uma imagem de seus atos de forma positiva e construtiva, depende unicamente do meio em que se vive. Se uma criança convive com adultos que pensam e agem com valores éticos e morais, a criança desenvolverá esses mesmos conceitos, favorecendo assim ao sucesso escolar e pessoal.

No que se refere à auto-estima, a mesma está ligada à valorização de algo. Essa valorização está direcionada ao fator pessoal, sentimental e não material. Sua interiorização é requisito básico para a vida pessoal, principalmente para o processo de aprendizagem.

A auto-estima é a chave para o sucesso e para o fracasso do educando, por isso, não valorizar os atos dos educandos de forma construtiva, é contribuir para o desinteresse e desmotivação, principalmente na aquisição da leitura e escrita, ocasionando assim o fracasso escolar. Percebemos com isso, que atitudes dessa natureza advinda de educadores, geram as tão discutidas dificuldades de aprendizagem.

Enfim, os aspectos acima conceituados confirmam a importância dos fatores externos ao indivíduo, e como suas interferências afetam todo o processo de aprendizagem. Esses comportamentos estão interligados e são aprendidos de acordo com o contexto das relações com os “outros” e com o seu ambiente como um todo, desde o início de sua vida.

Segundo Smith (2001), podemos então mencionar que o contexto social é o responsável pelo mapeamento das experiências vivenciadas, sejam elas com sucesso ou fracasso, o que possibilita ou não um auto-conceito adequado e consistente no ser humano.

O que nos faz destacar que, compreender a criança em sua realidade é um marco importante e decisivo em seu desenvolvimento no processo de aprendizagem, esclarecendo que o que mais a prejudica é a desvalorização do saber existente e não o não-saber. Ouvir uma criança deve ser obrigação de todos, principalmente dos profissionais da educação e membros da família. Ignorá-la faz com que a mesma reprima seus pensamentos e ações, surgindo assim os distúrbios na aprendizagem.

Ao ingressar na escola, o educador precisa acolher a criança como um sujeito que já vivenciou experiências de sucessos ou fracassos, aprovações e desaprovações, que irão influenciar no desempenho escolar adequado ou inadequado, pois, acreditamos que é no convívio escolar, que se reproduz as suas primeiras vivências.

Por isso, a importância em oportunizar à mesma momentos de descontrações e liberação de suas idéias e emoções, o que irá positivamente desenvolver o processo de aprendizagem. Segundo algumas considerações apresentadas por Mosquera (1977) “o homem só tem consciência de si mesmo quando descobre o “eu” de seus semelhantes” (MOSQUERA, 1977, p. 34).

Em suma, é perceptível que o aproveitamento escolar da criança depende do relacionamento familiar integrado e da construção do seu autoconceito, o que não deixa de ser um fator externo a esse indivíduo. Então, como definir com precisão as dificuldades de aprendizagem?

Essa é uma questão que deve persistir em todo o contexto educacional. Não há uma definição única, nem precisa para essa indagação; o que há, são indícios de uma busca constante dos que acreditam na transformação e realização dos educandos, pois, apresentar dificuldades de aprendizagem não faz com que o mesmo se sinta pior diante dos que não a apresentam, mesmo porque, esse fato não é visível a todos, apenas aos que compartilham em seu cotidiano escolar e familiar.

Se não temos como definir as dificuldades de aprendizagem, então, como identificá-las? Para que se faça essa identificação, é necessário conceituar primeiramente o que vem a ser aprendizagem. Sabemos que aprendizagem está relacionada ao ato de aprender e aprimorar, e que vários conceitos são citados por diferentes autores, no entanto, concordamos com McConnell apud Pillet (1974), que:

Aprendizagem é a progressiva mudança do comportamento que está ligada, de um lado, a sucessiva apresentações de uma situação e, de outro, a repetidos esforços

dos indivíduos para enfrentá-la de maneira eficiente. (McCONNELL apud PILLET, 1974, p. 32).

Caracterizar aprendizagem como apreensão dos fatos acontecidos e uma simples memorização, se torna algo vago diante de tantas inovações nos estudos de hoje. Certificar-se de que a mesma é mudança de comportamento, se torna mais próxima de nossos objetivos. Portanto, segundo os autores citados acima, é válido afirmar que as mudanças “permanentes” aprendidas, não podem ser atribuídas à maturação, lesões ou alterações fisiológicas do organismo, mas sim, da experiência.

Com base na última retratação, é possível concordarmos que aprendizagem resulta da experiência do indivíduo, destacando também ser uma mudança de comportamento. Se uma criança não corresponde a esses aspectos na aprendizagem é porque apresenta alguma dificuldade no processo. Mas, antes de rotular essa criança como “lenta, vagarosa ou problemática”, o professor deve estimular e incentivá-lo para que ela consiga alcançar um bom desempenho escolar.

Ressaltamos porém, que a aprendizagem é um processo gradativo, contínuo e individual: cada um em seu tempo. Diferente do que vem a ser o ensino, esse é um ato coletivo, que objetiva transmitir informações a um grande número de pessoas. Por isso, não se faz necessário a aprendizagem estar paralela ao ensino. Cagliari (1998) vai além, ao dizer que:

A aprendizagem é sempre um processo construtivo na mente e nas ações do indivíduo (...) nenhum professor pode aprender por seus alunos, mas cada aluno deverá aprender por si, seguindo seu próprio caminho e chegando onde sua individualidade o levar (...) a aprendizagem será sempre um processo heterogêneo (...) (CAGLIARI, 1998, p. 37).

Processo esse, que muitas vezes é ignorado por educadores; pois, a heterogeneidade visível em nossas salas de aulas faz com que o trabalho docente seja bastante diversificado, para uma aprendizagem mais significativa ao educando. “Aprender depende muito da história de cada aprendiz, de seus interesses, de seu metabolismo intelectual” (CAGLIARI, 1998,p.37).

No entanto, percebemos que as dificuldades surgidas no processo de aprendizagem não são iguais a todos os educandos, pois cada um aprende de maneira diferente, ou melhor no seu tempo. O educador precisa respeitar o desenvolvimento de

cada um, adaptando as atividades diárias aos mesmos, sanando gradativamente esses distúrbios causados ao indivíduo.

Capítulo 2 – O processo de aprendizagem mais significativo ao educando

Aprender é um ato que depende de cada indivíduo e somente sua mente é capaz de armazenar os dados considerados importantes e fundamentais ao seu desenvolvimento. Considerando esse ato, o educando dos dias de hoje processa a aprendizagem de forma errônea, não por força maior, mas pela maneira como são transmitidos os conteúdos escolares por seus educadores.

Transmitir conhecimentos nada mais é que reproduzir códigos de livros, e isso não faz com que o educando desenvolva o pensar e a criticidade existente em seu interior. O processo de aprendizagem não pode ser mecânico, sem expectativa e estímulo ao estudante. Ao contrário, seu papel é incentivar o ato de pensar de forma crítica e especuladora, e essa responsabilidade é do educador.

Ensinar não quer dizer que o aluno aprendeu. Muitas vezes, o ensino não é abordado ao fator individual, ficando sempre na coletividade. Não importa vencer os conteúdos de livros didáticos sem que o mesmo seja feito com qualidade, é preciso se ater a esse detalhe básico: QUALIDADE. Hoje nós educadores somos cobrados pela quantidade a ser transmitida aos nossos educandos, sem questionar como processar essas quantidades excessivas. Essa quantidade cobrada pelo sistema, nos faz atropelar o conhecimento que nossos educandos possuem, fazendo com que os mesmos percam o interesse pelo aprender.

Mas, o educador tem a capacidade de reverter esse quadro quando o mesmo se compromete em melhorar o processo de aprendizagem. Pois, apontar os culpados para as dificuldades adquiridas em todo o processo educacional é simples, complicado é assumir sua parcela de culpa e apresentar sugestões de qualidade. Daí, a importância em “determinar” o papel de cada um, para que haja o sucesso escolar, pois, “é essencial saber o que faz o professor e o que fazem os alunos, o que compete a cada um, o que cada um espera do outro” (CAGLIARI, 1998, p.37).

Compartilhar a determinação de mudança na educação com os educandos, é o melhor caminho que o educador pode seguir. Como Paulo Freire nos deixou “ninguém

educa ninguém e ninguém se educa sozinho”. Portanto, o diálogo sincero, honesto e companheiro é o primeiro passo para uma aprendizagem mais significativa.

Seria então, uma discrepância apostar na aprendizagem significativa sem o diálogo presente em todo o processo dessa. Oportunizar ao educando momentos de liberdade, expressão, amizade são passos a serem dados pelo educador que busca essa significação. É preciso estabelecer o que de fato o educando irá aprimorar na sua vida escolar, sem que o mesmo atrepele seus anseios e suas dúvidas.

Tornar a aprendizagem prazerosa e significativa é o nosso objetivo, pois, se a mesma possuir essas características não haverá dificuldades para o educando, tanto no cotidiano escolar, como no dia-a-dia.

É importante ressaltar que a mesma não se acumula, se constrói. E essa construção depende de cada indivíduo para se fortalecer, pois somente o próprio é capaz de viver esse momento único e rico de sua vida. Ou seja, a aprendizagem consiste em complexas reestruturações do conhecimento, na qual só pode ocorrer a partir de situações problemáticas resolvidas.

Envolver-se em atividades lúdicas e objetivas, favorece ao educando das séries iniciais do Ensino fundamental – bem como as demais séries – uma aprendizagem mais significativa, ou seja, construtiva, dialética e eficaz, deixando de processar as informações de forma mecanizada e repetitiva. Isso quando o indivíduo descobre a relação entre os fatos existentes em todo o processo de aprendizagem, pois, para que a mesma aconteça não depende apenas do educador, ao contrário, o educando é o sujeito principal de toda essa mudança.

E essa transformação em todo o processo de aprendizagem, requer a participação de todos os envolvidos: pais, comunidade, gestão escolar, equipe pedagógica, educadores e por fim o principal: o EDUCANDO. O mesmo se torna o protagonista em todo esse “teatro”; e sem a vontade maior de mudança, estampada em sua fisionomia e atitudes diárias, não se concretizará de fato. Para mais, podemos completar que:

(...) o complexo da aprendizagem e do conhecimento exige que a escola ofereça os meios e os recursos necessários para que o aluno se transforme no principal ator de seu próprio processo de aprendizagem, compreensão, de construção e de recriação do mundo. A contextualização e a funcionalidade das tarefas educativas são requisitos indispensáveis para propiciar a experimentação, a indagação e a pesquisa como estratégias didáticas básicas que permitam relacionar os novos conhecimentos com a própria cultura cotidiana, para estimular a reelaboração e a construção do conhecimento cotidiano (. . .) (RODRIGO, 1997 *apud* PÉREZ).

O relato mencionado acima, confirma toda a nossa contextualização até então desenvolvida no presente trabalho: a busca de uma aprendizagem mais eficaz e significativa, sendo que para isso, é preciso o envolvimento de todos os interessados destacados anteriormente. Se não trabalharmos juntos, acreditando na união da escola e família, não estaremos desenvolvendo a eficácia e significação desse processo.

Portanto, enfatizamos ainda que nós educadores devemos ter uma acuidade ao retratarmos nossos educandos pelas suas dificuldades no processo de aprendizagem, pois, muitas vezes buscamos a objetividade, a precisão e a coerência para solucionarmos tais problemas surgidos; mesmo sabendo que não temos respostas exatas para as questões relacionadas às dificuldades. Mas, há possíveis caminhos para chegar a esse meio, pois acreditamos que o processo de aprendizagem não é um fim propriamente dito, devido aos vários percursos a serem percorridos. E um desses caminhos é o espaço dado ao educando como forma de aprimoramento.

Sabemos que o conhecimento não é adquirido por transmissão do saber adulto, mas por construção da criança, que vai aproximando-o cada vez mais das regras do sistema (TEBEROSKY, 1982, p.85 *apud* PÉREZ).

Ora, sem dúvida podemos concluir que o indivíduo aprende de forma contínua: explorando, experimentando, indagando, tateando, relacionando-se com outros e com o ambiente e aprendendo de outros e com outros (iguais e adultos). A aprendizagem é um processo natural e individual, pela qual elabora e (re)constrói seus conhecimentos como resultado de atividade flexível, contextual , subjetiva, compartilhada e relacional (PALÁCIOS *et al*, 1990, p. 10 *apud* PÉREZ).

E toda essa aprendizagem depende do processo oferecido por nós educadores – principalmente – e a escola. Devemos apresentar caminhos diferentes, para que o mesmo possa escolher e percorrer o seu. Como já foi relatado anteriormente, o professor não pode aprender pelo aluno, cada um aprende por si. Porém, somos responsáveis em como trabalhar esse ensino. Transmitir apenas as informações não é suficiente para o desenvolvimento tão esperado – e não trabalhado – por todos os profissionais da educação.

No entanto, torna-se explícito a importância da retratação de nós educadores, no que se refere às discussões construtivas e contínuas, para juntos buscarmos possíveis soluções frente a essas dificuldades em todo o processo educacional enfrentadas por todos os envolvidos – principalmente na leitura e escrita – pois, de fato a culpa não está

meramente no ator dessa ação, ou seja, no educando. Para mais, devemos considerar toda a afetividade e envolvimento do educador com o seu profissionalismo e demais participantes desse ato.

Esse envolvimento afetivo que o professor acaba tendo com sua prática profissional é inevitável, visto que o fracasso de seus alunos acaba por atingí-lo em sua auto-imagem, colocando em questão sua própria competência. Na medida em que não consegue articular este fato à falta de assistência técnica, à instabilidade funcional, aos baixos salários, à ausência de recursos didáticos, e à própria má qualidade de sua formação, ele tem apenas as alternativas, ou de assumir também o fracasso, ou de buscar entre os indicadores mais imediatos os supostamente responsáveis. E o que mais diretamente ganha visibilidade para ele é a situação de carência dos alunos com os quais se defronta a cada dia em sala de aula.

Dessa forma, constatamos que o educador tem duas opções com relação a sua postura educacional, considerando que essas dificuldades direcionadas ao educando são causas dos fatores externos. No entanto, os mesmos pressupõem que esses fatores indicadores são gerados pelo aluno, devido ao seu desinteresse, desmotivação e displicência. Mas, não aprendemos no curso de Magistério que somos nós educadores que devemos motivá-los com recursos didáticos diversificados? Bem, muitos educadores acreditam que na prática não funciona, que inovar nos recursos e metodologias é pura utopia, que é papel e empenho para educadores iniciantes no magistério.

E com isso, as posturas conservadoras e resistentes acabam por impedir que haja o diálogo efetivo entre os professores e destes com os alunos, com as famílias. Não se dá, dessa forma, a reflexão conjunta e o aprofundamento teórico necessário para se evoluir nessa problemática.

De acordo com alguns estudos referentes à avaliação mediadora – o que de forma oculta permeia nossa pesquisa – destacamos uma pesquisa fornecida pela UNICAMP com um grupo de trinta professores estaduais (de pré-escola, ensino fundamental e médio), reunidos em seminário em Porto Alegre, março de 1992; a seguinte questão: **Por que o aluno não aprende?** As respostas obtidas foram as mais diferentes possíveis, porém todas relacionadas a fatores externos ao indivíduo; e as duas mais cotadas dizem respeito a metodologia inadequada do professor e a falta de interesse dos alunos em relação ao conteúdo desenvolvido.

Ora, essas justificativas vêm confirmar o nosso objeto de estudo, que os fatores externos ao indivíduo, interferem no processo de aprendizagem. E que o direcionamento de ensino dado pelo educador, realmente precisa modificar-se. Essa mudança, vem sendo mencionada pertinentemente em nossa pesquisa. Descobrir e apontar as dificuldades não bastam, é preciso envolver-se e fazer com que o educando participe mais. E se o mesmo já o é, não podemos nos envergonhar caso apresente respostas, até então desconhecidas por nós, nem mesmo ignorá-las.

O aluno não tem oportunidade de expressar suas idéias ao professor. Ou seja, esse não aprende porque não tem oportunidade de revelar o que pensa, discutir suas idéias, elucidar suas dúvidas; e o professor apresenta falta de conhecimento quanto a questões de aprendizagem. O que nos levaria a pensar se muitas vezes não se diz que o aluno não aprendeu porque não compreendemos de fato, o que significa aprendizagem em termos da complexidade dessa questão.

Entretanto, pensamos que o professor não compreende de fato, o que significa aprendizagem. E essa é a nossa maior preocupação; como o educador identificará as dificuldades de aprendizagem, se ao menos sabe conceituar e aplicar caminhos flexíveis para uma aprendizagem de qualidade? Como apresentar soluções para as mesmas, se o educador não tem comprometimento? Questões como essas deveriam advir de nossos educadores constantemente, para que assim, haja de fato uma reflexão da sua prática pedagógica.

Todavia, nos vemos obrigados a relatar que poucos são os educadores que compreendem e valorizam as manifestações diferentes dos educandos diante das atividades de aprendizagem. Esses esperam de seus educandos respostas inovadoras e subjetivas, pois, é dado aos mesmos espaço para expressar e desenvolver-se. Pois, sabemos que o aluno constrói seu conhecimento com o meio em que vive; e aprende por si só. Com isso, é cabível ressaltar que o conhecimento não é determinado. Ele se dá pela interação do indivíduo com o meio físico e social.

Diante das abordagens feitas neste capítulo, afirmamos que para que o processo de aprendizagem seja significativo e de qualidade, nós educadores precisamos nos esperar numa relação dialógica em sala de aula, de compreensão, questionamento, participação, oposta à educação percebida como transmissão, imposição de idéias e de condutas. E para isso, devemos diariamente indagar a nossa prática pedagógica.

Capítulo 3 – Fatores externos ao indivíduo que prejudicam o processo de aprendizagem

3.1. – Ambiente familiar

O ambiente familiar é o fator primordial para determinar se a criança aprende bem ou mal. É nele que são transmitidos os valores, os costumes e a cultura familiar. Este ambiente precisa ser acolhedor, compreensivo, estimulante e encorajador, passando assim tranquilidade, segurança e auto-confiança para a criança.

Receber carinho e atenção dos seus familiares é um direito da criança e dever dos pais. Essas atitudes fazem com que durante toda a vida pessoal e escolar da criança sejam de reflexos positivos, independente da experiência vivida ter sido um sucesso ou fracasso.

Famílias envolvidas e incentivadoras são facilmente identificadas, mesmo quando o educando apresenta alguma deficiência na aprendizagem, pois sua vontade em vencer os desafios é mais forte do que o problema em si.

Crianças que no início de suas vidas foram privadas de ambientes estimuladores, são as que mais enfrentam dificuldades de aprendizagem. Suas habilidades são desenvolvidas lentamente e comunicam-se muito mal, não demonstrando interesse por qualquer assunto ou situação. Não há auto-confiança e nem auto-estima elevada.

Ter o conhecimento do histórico familiar de cada discente seria o ideal para tentar ajudá-lo a vencer seus medos e obstáculos. Porém, essa prática é muitas vezes, inviável para o professor, que já assume tantas responsabilidades no ambiente escolar. Tal situação só ocorre após o professor observar em sala de aula, algum aluno com dificuldades na aprendizagem sem motivos aparentes.

Para que um aluno tenha um bom desenvolvimento escolar, ele precisa estar bem emocionalmente. O psicológico de uma criança fica abalado se estiver convivendo num lar desarmonioso e cheio de conflitos. Essa situação vai refletir decisivamente no sucesso ou fracasso do aluno comprometendo todo o processo de ensino e aprendizagem.

Alguns estudiosos acreditam que o desenvolvimento das crianças e suas atitudes dependem do tratamento dado pelos adultos ao longo do seu crescimento. O que de fato se torna verdadeiro, pois a família é a base para um bom desenvolvimento do

indivíduo. Os mesmos consideram mais necessário às crianças a confiança básica, a autonomia, a iniciativa, a produtividade e a identidade. Essas habilidades iam do nascimento até adolescência. Contudo, é válido destacar a importância do envolvimento familiar, principalmente no que diz respeito ao processo escolar. Crianças “abandonadas” na escola, são inseguras e constantemente se encontram no insucesso escolar.

Smith e Strick (2001), com relação à ausência familiar afirmam que:

É trágico percebermos que números crescentes de crianças não estão realmente disponíveis para a aprendizagem, porque suas vidas são dominadas pelo medo: perigo em seus lares ou na vizinhança fazem com que precisem dedicar a maior parte de sua energia mental à questão urgente da proteção pessoal (SMITH e STRICK, 2001, p. 33).

No entanto, a instituição familiar necessita urgentemente posicionar-se diante de seus filhos, com maior compromisso, afetividade e disponibilidade para que os mesmos não venham a ter interferências no processo de aprendizagem, bem como no desenvolvimento pessoal.

3.2. Ambiente Social

Dependendo da família, da classe social e do tipo de sociedade em que nasce, a criança poderá ou não encontrar uma alimentação satisfatória e favorável ao seu desenvolvimento. O que na nossa realidade, a última opção é a mais presenciada, devido a desigualdade social. Com isso, percebe a predominância da exclusão da maioria das pessoas, dificultando assim o relacionamento entre as mesmas. Os filhos da classe dos privilegiados recebem a melhor educação, escolas excelentes, belíssimas moradias e recursos diversos para desenvolver-se satisfatoriamente.

Os filhos dos “explorados” têm bastante dificuldade para sobreviver e, quando o conseguem, quase sempre permanecem marginalizados dentro da sociedade e pouca oportunidade de trabalho. Com base nessas situações é evidente que o seu desenvolvimento sofrerá influências decisivas, principalmente no âmbito escolar. Um indivíduo que se encontra em classe privilegiada terá um desenvolvimento considerado normal, saudável, com todos os requisitos necessários para um bom aproveitamento na escola ao contrário da pessoa que nasceu na classe da “minoridade” de favorecimento.

Uma sociedade injusta só pode ter conseqüências negativas e prejudiciais à formação do ser humano. Poucos são os privilegiados, sendo maioria os trabalhadores assalariados e desempregados. O indivíduo que se encontra nessas condições enfrentará dificuldades como deficiências sensoriais e motoras, bem como na aprendizagem escolar.

Outro aspecto em que se pode mencionar aqui, é a alimentação inadequada. O número de crianças desnutridas é alarmante, principalmente entre 0 à 5 anos de idade. Crianças que sofreram ou sofrem desnutrição, quando conseguem permanecer na escola, enfrentam inúmeras dificuldades no processo educacional, sendo a leitura e a escrita, as maiores dificuldades estabelecidas.

A falta de uma alimentação adequada é um dos fatores preocupantes e que interferem significativamente no processo de aprendizagem. Trabalhar a mente requer descanso, boa alimentação, acompanhamento escolar e apoio familiar; do contrário, construir o conhecimento sem esses subsídios será impossível, pois não terá forças favoráveis ao seu desenvolvimento pessoal e escolar.

3.3. O ambiente escolar

O ambiente escolar sem dúvida, é o agente principal em todo o processo de ensino do indivíduo, e por isso deve estar preparado para oferecer um ensino de qualidade aos seus alunos. Com relação a essa consideração vale ressaltar a citação de Smith e Strick (2001) que diz:

A fim de obterem progresso intelectual, as crianças devem não apenas estarem prontas e serem capazes de aprender, mas também, devem ter oportunidades apropriadas de aprendizagem (*idem*).

Se não há oferta dessa natureza, os alunos muitas vezes não são capazes de desempenhar da melhor forma em sala de aula. Salas de aulas lotadas, professores sobrecarregados e despreparados, bem como materiais didáticos inadequados que comprometem a capacidade dos alunos para aprender. A realidade das escolas principalmente na rede pública é bastante visível no que se refere a falta de estrutura física e pedagógica. Muitos alunos ditos como “fracos” são vítimas da incapacidade de suas escolas para ajustarem-se às diferenças individuais e culturais.

Crianças que apresentam alguma dificuldade precisam ser encorajadas e direcionadas a trabalharem uma aprendizagem significativa, caso contrário haverá regresso escolar. Se forem publicamente envergonhados ou penalizados por seus fracassos, os permanecerão desmotivados por muito tempo. A perda do interesse pela educação e a falta de auto-confiança em si próprios podem continuar afligindo-os.

(...) a intervenção para crianças com dificuldades de aprendizagem, freqüentemente, exige menos uma “correção” da criança que a melhora no ambiente no qual ela está sendo educada. A classe certa, o currículo certo e o professor certo são críticos para essas crianças, e sua escolha, em geral, faz a diferença entre o fracasso frustrado e o sucesso sólido” (SMITH e STRICK, 2001, p.34).

Portanto, o âmbito escolar deve ser favorável para o desenvolvimento dessa criança e se ela não tem condições apropriadas em seu lar, pelo menos que tenha em sua escola. Estudos revelam que vários são os fatores dentro da escola que podem afetar o processo de aprendizagem. Entre eles, podemos citar a relação do professor e alunos, a relação entre os alunos, os métodos de ensino e o ambiente escolar.

Esses fatores contribuem de forma significativa para o sucesso ou o fracasso do aluno. O professor que age como um facilitador na aprendizagem deve ter qualidades como a paciência, a dedicação, a disposição de ajudar seus alunos e, principalmente, manter um clima agradável e democrático em sala de aula. Se isto não ocorre, o aluno pode desinteressar-se e como consequência a aprendizagem não se efetivará.

Muitas vezes, a antipatia que o aluno sente pelo professor pode gerar distúrbios de aprendizagem que se prolongam por toda a vida escolar do aluno. Segundo Pillet (1999), é preciso uma reflexão do professor sobre seus atos em sala de aula, pois:

(...) Apesar de todas as dificuldades que tiver pela frente, cabe ao professor manter uma atitude positiva: de confiança na capacidade dos alunos, de estímulos à participação de todos, de entusiasmo em relação à matéria e de amizade para com os alunos (PILLET, 1999, p. 147).

Se o professor age de forma autoritária e dominadora com seus alunos, eles certamente irão se comportar da mesma forma com seus colegas de classe ou da escola. Por isso, é fundamental que o professor avalie sua conduta e esteja consciente que o sucesso ou o fracasso de seus alunos estão diretamente ligados ao seu modo de agir em sala

de aula. È preciso reavaliar seus métodos de ensino adequando-os à realidade de seus alunos, respeitando sua individualidade e seu ritmo de aprendizagem.

Para aprender, o aluno precisa de um clima de confiança, respeito e colaboração com os colegas e com seu professor. Se isto não acontece, suas preocupações voltam-se para a defesa diante da dominação e agressão dos colegas causando-lhe um sentimento de frustração em suas tentativas de aprender. Pillet (1999), ressalta ainda que:

(...) tendo consciência do problema e sabendo que esse tipo de relação social é muito prejudicial para a aprendizagem, o professor já terá meio caminho andado no sentido de criar um clima de amizade e confiança na sala de aula, favorecendo a aprendizagem livre e criativa (PILLET, 1999, p.148).

Essa relação de companheirismo, amizade e respeito entre professor e alunos age de forma positiva em todo processo de aprendizagem. Outro fator relevante que merece destaque são os métodos de ensino que o professor utiliza. Um professor autoritário e dominador, não permite que seus alunos se manifestem, participem de forma ativa e criativa. Quando o professor se considera o dono do saber e seus alunos apenas agentes depositários de informações, o processo de aprendizagem fica comprometido e não acontece de forma coerente e significativa para os alunos.

Atitudes como essas só conduzem os alunos à dependência, passividade e a falta de interesse. Ao contrário dessa postura, os métodos didáticos que contribuem a livre participação do aluno, a discussão e a troca de idéias com seus colegas, de forma que eles possam produzir seu próprio conhecimento, facilitarão o desenvolvimento pessoal, social e cognitivo do aluno.

Uma aula decorrente de uma discussão em grupo é mais eficiente e duradoura do que uma aula expositiva. Oportunizar ao aluno momentos onde possa expressar suas idéias surte um impacto de interesse e facilita o envolvimento na aprendizagem. Pois, trabalhar em grupo é confrontar suas idéias com a dos outros, conseqüentemente os resultados obtidos serão frutos de elaboração pessoal, integrando-se facilmente a seus conhecimentos e experiências anteriores.

Não é uma tarefa fácil, e muitos professores acham que seus alunos não sabem trabalhar em grupos. Mas é justamente aí que o professor deve intervir mostrando a importância que o trabalho em grupo pode proporcionar. É um momento de interação de

idéias, pois ninguém nasce sabendo das coisas, e a troca de conhecimentos age de forma positiva entre os alunos, além de facilitar o envolvimento de todos.

A desorganização na sala será inevitável quando vários atores trabalham juntos, mas o professor não pode negar aos seus alunos este momento. Deve-se oferecer informações sobre organização grupal, para que os alunos percebam que trabalhar em grupos não significa momentos de “bagunça”.

Outro fator de grande importância a ser considerado é o ambiente escolar que deve ser adequado em sua estrutura física para que possa proporcionar uma aprendizagem eficiente. Salas de aula super lotadas, com pouca ventilação ou mesmo sem nenhuma, iluminação insuficiente, entre outros, agirão de forma negativa no rendimento escolar. O professor deve ser dinâmico e criativo, proporcionando um ambiente agradável aos seus alunos. Dispor as carteiras de formas diferentes às tradicionais fileiras, permitirá o contato mais próximo de outros colegas, havendo um auto-conhecimento próprio e dos outros.

Trabalhar com materiais concretos e significativos, permiti o contato em manuseio de livros, revistas, jornais, e também favorece um aprendizado mais participativo evitando-se o máximo possível o ensino baseado apenas no uso do quadro-negro e giz e o famoso “blá, blá, blá” sem sentido que torna todo o processo maçante e desestimulante para o aluno.

É a partir de vários aspectos negativos ao processo de aprendizagem que surge o “insucesso escolar” resultantes de estratégias pedagógicas insuficientes e deficientes, e já não podemos aceitar o sistema assim como ele é. Todos estão envolvidos de uma forma ou de outra, e fugir ou ignorar que os problemas existem, é afirmar que não se tem capacidade para lutar e mudar a realidade com os recursos disponíveis.

Os conflitos na escola sempre haverão, desde pais, alunos, professores e funcionários. O que irá diferenciar é como contornar essa situação para não atingir todo o processo escolar, principalmente na aprendizagem. A gestão escolar pode influenciar de forma negativa ou positiva. Se a mesma respeita e valoriza seus alunos, sua influência será positiva. Ao contrário, predominando a prepotência, o descaso e o desrespeito, a influência que ela terá junto aos seus alunos será negativa.

Esses fatores mencionados – relação entre professor e alunos, métodos de ensino e âmbito escolar – se forem explorados de forma coerente e com precisão, intervirão positivamente nas dificuldades de aprendizagem apresentadas por algumas criança, evitando também que cheguem ou agravem esse problema.

3.4. Fatores Individuais

As características individuais da criança é um dos fatores que afetam a aprendizagem. Convém ao professor observar o nível de maturidade, ritmo pessoal e as preferências de seus alunos. Ao identificar essas características, o professor precisa adequar as atividades a serem aplicadas de acordo com essas características individuais. É trabalhoso, porém, não é impossível.

Supor que todos os alunos apresentam um nível de maturação e ritmos homogêneos é cometer um grande equívoco. Por esse motivo, não se deve esperar o mesmo desempenho e realização das atividades propostas com o mesmo “fervor”. Onde, o respeito às diferenças é um dos pontos básicos para não prejudicar o processo de aprendizagem, mas não deve-se confundir com o ficar à “vontade”, sem limites e no “oba-oba”.

O educador é o controlador de todas as situações surgidas e necessita impor-se na hora e momentos certos, sem que essa imposição se caracterize como autoritarismo. Lembrando porém, que o mesmo é o mediador de todo esse processo em sala de aula. Com isso, podemos destacar que observar nas crianças alguns comportamentos diferentes facilita o trabalho do professor, dentre eles citamos:

- Se a criança pode apresentar dificuldades de aprender por não conseguir ficar quieta em sua carteira, ou se não é capaz de concentrar sua atenção por muito tempo sobre uma certa tarefa;
- A criança pode ter desenvolvido certos tiques ou hábitos de comportamento que a distraem das atividades escolares, como por exemplo, coçar a cabeça, roer as unhas...
- Se a criança não aprende porque não dorme ou se alimenta direito.

Esses comportamentos podem estar na insegurança com que os pais educam seus filhos ou em problemas graves que a família enfrenta. Pillet (1999), acredita que o cuidado excessivo ou a ausência do mesmo também pode acarretar problemas a essa criança.

(...) o comportamento dos pais em relação aos filhos pode variar do extremo amor à extrema negligência; a família pode ter dificuldades de obter alimentação, moradia, ou recursos para que a criança possa ir à escola bem vestida, como seus colegas. Essas situações podem levar ao desenvolvimento de certos comportamentos, que podem ser uma fuga da realidade problemática (...) (PILLET, 1999, p. 154 e 155).

Muitos outros fatores individuais, como características orgânicas podem interferir no processo de aprendizagem, porém, não serão abordados nesta pesquisa devido a serem consideradas fatores internos ao indivíduo, o que foge ao tema trabalhado. Enfatizando no mais, que o educador meramente comprometido, preocupa-se com atitudes dessa natureza advindas de seu educando, pois o mesmo se sente responsável em parte pelo seu desenvolvimento intelectual e pessoal. Mas, para isso não deve culpar-se por todo o fracasso escolar, mas deve buscar recursos e ajuda para que esse fracasso seja revertido.

A individualidade permeada nas dificuldades é um fator que merece atenção, pois vimos que a aprendizagem bem sucedida depende de todo um processo, porém, o ato de aprender propriamente dito depende unicamente do educando, pois o mesmo aprende por si só, ninguém o pode fazê-lo. Dar importância a esse fator, é o mesmo que oportunizá-lo em expressar suas idéias, emoções e opiniões, tornando-se um eloquente nos mesmos.

Capítulo 4 – A importância da Psicomotricidade nas Dificuldades de Aprendizagem

Seria a psicomotricidade uma prática preventiva e educativa? Ou a mesma não passa de um passatempo para as crianças? Questões dessa natureza são feitas constantemente por professores do ensino fundamental (primeira fase) por não terem o conhecimento da importância e função da mesma. Mas, constatamos que vários estudos foram e estão sendo feitos referentes a essa abordagem e podemos palpar que a psicomotricidade tem o papel de prevenção das dificuldades escolares.

Não levamos em conta, com relação aos nossos educandos, a influência de um bom desenvolvimento psicomotor, e isso faz com que haja uma limitação da educação do corpo, recaindo numa atitude intelectual. Porém, “o objetivo central da educação pelo movimento é contribuir ao desenvolvimento psicomotor da criança, de quem depende, ao mesmo tempo, a evolução de sua personalidade e o sucesso escolar” (BOULCH, 1988, p. 15).

A educação psicomotora deve ser considerada como uma educação básica para a escola primária. Ela condiciona todas as aprendizagens pré-escolares e escolares; estas não podem ser conduzidas a bom termo se a criança não tiver conseguido tomar consciência de seu corpo, lateralizar-se, situar-se no espaço, dominar o

tempo; se não tiver adquirido habilidade suficiente e coordenação de seus gestos e movimentos. A educação psicomotora deve constituir privilégio desde a mais terra infância; conduzida com perseverança, permite prevenir certas inadaptações sempre difíceis de melhorar quando já estruturadas...” (COMISSÃO DE RENOVACÃO DE PEDAGOGIA *apud* BOULCH, 1988, p. 11) .

É neste contexto, que vemos a importância em tratarmos da psicomotricidade como prevenção das dificuldades desenvolvidas nessa pesquisa. Para muitos, a palavra psicomotricidade, está restrita à educação infantil e crianças portadoras de alguma deficiência. Acreditar nessa concepção é o mesmo que cometer um “assassinato” com a educação, principalmente por achar que uma criança não precisa de estímulos e atividades que envolvam a expressão corporal. Esse desenvolvimento faz com que a criança se torne mais madura e segura, no que difere dos pensamentos arcaicos e vagos desses educadores.

Entender a psicomotricidade é fundamental para todos os profissionais da educação, bem como a família dos envolvidos; pois, sabemos que a prática dessa auxilia a criança em seu desenvolvimento pessoal e escolar. E para que aconteça com sucesso - como uma atividade comum e cotidiana- nós educadores necessitamos de um comprometimento maior e preciso com os educandos praticantes ou não dessa atividade. Para mais, vale constatar também, que:

A prática psicomotora, portanto, deve ser entendida como um processo de ajuda que acompanha a criança em seu próprio percurso maturativo, que vai desde a expressividade motora e do movimento até o acesso à capacidade de descentração. Em tal processo, são atendidos os aspectos primordiais que formam parte da globalidade em que as crianças estão imersas nessa etapa, tais como afetividade, a motricidade e o conhecimento, aspectos que irão evoluindo da globalidade à diferenciação, da dependência à autonomia e da impulsividade à reflexão (GÁRCIA OLALLA, 1995 *apud* SÁNCHEZ *et al*).

Portanto, percebemos que a psicomotricidade só vem acrescentar no desenvolvimento da criança, seja ele pessoal ou escolar, o mesmo faz com que a criança expresse suas emoções através de diversas atividades. Para isso, o profissional da educação deve reconhecer a criança como sujeito e ser único, recebendo assim uma atenção adequada a suas necessidades básicas: biológicas, cognitivas, emocionais e sociais.

Não podemos deixar de mencionar a importância da família nesse momento. A mesma deve ser participativa e “exemplar”, pois, o primeiro contato para desenvolver-se como pessoa e construir sua personalidade é justamente a família. Formar a identidade dependerá da convivência e do estilo familiar. “Os pais (...) serão os primeiros

responsáveis pela criação de canais de comunicação e de significação favorecedores da construção da identidade da criança” (LÓPEZ , 1995, p.9 *apud* SÁNCHEZ). Por esse motivo, a família deve atentar-se ao tipo de educação e relacionamento que terá com seus filhos, para que essa não reflita de forma negativa futuramente.

A criança ao ingressar no mundo escolar, poderá reagir com um comportamento inesperado, agressivo ou pacífico, essa situação não é de sua responsabilidade e proposital, afinal entrar em um ambiente totalmente desconhecido e sem seus pais, a faz sentir-se insegura e “abandonada”. Mas, sabemos que não é bem assim; apesar de estar explícito que a vontade em adquirir a tão esperada autonomia e independência não é sua propriamente dita, mas sim de seus pais, é preciso passar para a criança segurança e carinho para esse momento único: o início na vida escolar. Primeiramente, a escola – principalmente da Educação Infantil – deve criar um clima favorável para todo esse desenvolvimento da criança. Um ambiente educativo e acolhedor propicia à mesma a consciência de sua existência de fato, devido suas próprias sensações, percepções e experiências.

Esse ambiente cedido à psicomotricidade, deve ser organizado pelo educador de maneira que atenda as necessidades da criança; as atividades devem estar de acordo com seus interesses e curiosidades, considerando sempre seu nível de maturidade afetiva e cognitiva. Todas essas atividades são direcionadas pelo educador, pois o mesmo é o mediador de todas essas ações. Diante das mesmas, a atenção de quem acompanha a criança é fundamental, para que de fato haja a consciência de sua existência; pois perceber alguém observando-a de maneira admirável faz com que se sinta feliz, realizada e segura.

Sabemos que cada criança tem uma história diferente e por esse motivo, o educador deve preocupar-se em adaptar as atividades de acordo com suas necessidades. No mais, enfatizamos a precisão de uma receptividade acolhedora e respeitosa, para assim a criança evoluir de forma eficaz e prazerosa. O eixo das atividades na área da psicomotricidade requer vencer os obstáculos da imaturidade causada por diversos fatores a esse indivíduo; possibilitando assim, um processo de maturação com base em suas competências realizadas até então.

E o que essas tão mencionadas atividades tem a ver com a prevenção das dificuldades de aprendizagem? TUDO A VER. Quando há um projeto educativo coerente e objetivo, tudo se encaminha; desde que seja realizado de maneira preventiva. Assim o sendo, é capaz de entender, compreender e possibilitar a criança como um ser único e

próprio, pois essa é a sua função: propiciar momentos que auxiliem em sua maturação. E para isso, todo trabalho deve ser realizado individualmente. E a criança vencendo seus medos, dúvidas e conhecendo seu próprio “eu”, não terá dificuldades alguma em todo o processo de aprendizagem – pessoal e escolar.

(...) A prática psicomotora respeita , então, as potencialidades de cada indivíduo e eu direito de Ter um lugar na sociedade. De acordo com esse marco, a criança pode se expressar por meio de uma grande variedade de canais de comunicação, expressão e criação entre os quais a motricidade é o principal (SÁNCHEZ et al, 2003, p. 14).

Observamos que as crianças que relacionam-se bem com as outras pessoas, não estão tão propícias a sofrerem bloqueios na aprendizagem, ao contrário das que não se relacionam bem. Essas atitudes percebidas pelo educador em sala de aula, devem ser entendidas como uma dificuldade inicial e solucionável, principalmente nas séries iniciais, porém isso não quer dizer nada, pois em qualquer idade a criança apresentando dificuldades, existem possibilidades de reverter esse quadro, basta trabalhar para esse propósito. O importante nesse momento é trabalhar a psicomotricidade como ajuda da maturação.

Estabelecendo sempre que o educador responsável pelas atividades dessa área considere a história pessoal de cada criança e toda a sua bagagem cultural. Pois, as intervenções utilizadas nessa prática permitem a vivência de experiências do movimento, relação com os outros e com o espaço. Por esse motivo, ressaltamos ainda que:

O desenvolvimento da personalidade da criança e de sua inteligência requer a organização e a estruturação do eu e do mundo a partir da concepção de algumas noções fundamentais, que são descobertas a partir das vivências da criança, de suas experiências e que, no começo, aparecem polarizadas como oposições ferrenhas (...) Esse mundo de contrastes, carregado de racionalidade e de afetividade, é o mundo da criança pequena, projetando através dessas noções primitivas seu estado anímico e o mundo de seus afetos (LAPIERRE e AUCOUTURIER, 1974 *apud* SÁNCHEZ *et al*).

Para compreendermos melhor a prática psicomotora devemos destacar as idades correlativas aos fatos. Na criança, a sensório-motricidade diz respeito a expressão do seu mundo externo, ou seja, a mesma se encontra em uma situação estreita entre corpo e mente, e essa fase é compreendida pela faixa etária entre os primeiros meses e os 6 ou 7 anos. Tal situação refere-se a conceitos básicos como grande-pequeno, aberto-fechado,

alegre- triste... A partir das respostas dada pelo corpo de cada criança, o educador saberá desenvolver uma prática pedagógica direcionada a busca das dificuldades existentes, e é esse o motivo da atenção total desse profissional atuante nessas atividades e em sala de aula.

Nessa idade (entre os 4 e 7 anos) a criança é capaz de realizar atividades diferentes se houver algum ponto como referência; após os 7 anos de idade, a mesma consegue desenvolver qualquer atividade sem o ponto de referência, explorando tudo em sua volta. E assim sucessivamente; pois sabemos que o esperado é evoluir a cada dia, independente do processo ser longo ou médio prazo. Diante desse desenvolvimento pessoal, é preciso que o profissional acompanhe e observe os anseios e desejos dessa criança, para que esse processo seja contínuo, prático, prazeroso e realizador, tornando-se permanente. Atuando dessa forma e acreditando no seu sucesso, as atividades realizadas por essa criança estará prevenindo-a de qualquer dificuldade posta em sua frente.

Entretanto, podemos destacar e insistir, que a prática da psicomotricidade beneficia a criança no seu desenvolvimento e no controle de sua motricidade, de forma cautelosa e comprometida a fim de ajudar com precisão essa criança incapaz de controlar-se. E sabemos que muitos educadores o fazem de maneira errônea, ao trocar o trabalho corporal por punições, às crianças que apresentam “incapacidade” em controlar-se. Essa atitude magistral seria um ponto bastante específico a ser discutido, o que não vem ao caso dessa pesquisa.

Queremos então, entrelaçar caminhos antes nunca percorrido por nós educadores para solucionarmos as dificuldades de aprendizagem que tanto assombram nosso trabalho, principalmente na leitura e escrita. Muitos casos, somos nós educadores quem criamos, pois, quando o educando apresenta um pequeno problema, e o educador o expõe de tal maneira que o mesmo se vê obrigado a esconder-se de seus colegas e outros profissionais da escola. Esse constrangimento faz com a criança regrida a cada dia de sua vida.

Por esse motivo, a inovação da prática pedagógica, com a inserção da utilização dessa atividade só irá acrescentar e enriquecer o trabalho educativo direcionado a todas as crianças – com ou sem dificuldades – envolvidas no processo educacional. E isso refletirá no seu cotidiano da vida pessoal, lembrando que para isso a família ou responsáveis devem acompanhar de “perto” todos os passos dessa criança, para que essa venha evoluir gradativamente e de maneira espontânea.

Essa troca de experiências se faz necessária na prática psicomotora, e ter uma relação de trocas com outrem é o objetivo central, pois a partir daí a criança estará iniciando uma vida sem medo e insegurança. O educador deve basear-se no desenvolvimento pleno da criança e não restrito de uma aprendizagem à uma disciplina, por isso acompanhar e observá-la com compromisso é essencial. O máximo de cuidado que deverá ter para com essa criança é permitir que a mesma se expresse - de modo a incentivá-la sempre; e tenha domínio de seus movimento, pois esse é tão importante quanto o desenvolvimento da linguagem. Portanto, não há dúvidas de que o importante na psicomotricidade é trabalhar em busca do desenvolvimento pleno da criança, e quanto mais cedo melhor.

(...) se ajudamos a criança a se converter em um ser de comunicação, de expressão e de criação, estaremos lhe oferecendo maiores oportunidades para alcançar a descentração, isto é, a capacidade de tomar distância de suas emoções e de seus fantasmas mais profundos, favorecendo um desenvolvimento harmônico tanto corporal e afetivo (...) (SÁNCHEZ *et al*, 2003, p. 15).

E como desenvolver essa prática da psicomotricidade na leitura e escrita? Primeiramente, devemos retomar que no capítulo 1 desta pesquisa retratamos a definição das Dificuldades de Aprendizagem, pois bem, sabendo que enfatizamos os fatores externos ao indivíduo, acreditamos que as dificuldades apresentadas na leitura e escrita advém da falta de comunicação, condições sociais; cultura familiar e outros já abordados até então. Porém, suas causas podem ser internas, mas não estaremos discutindo aqui por fugir do nosso objetivo.

De acordo com Boulch (1988) essas dificuldades são de origem funcional, ou seja, podem estar ligadas a problemas de relacionamento. O mesmo cita três causas funcionais nos problemas de leitura e escrita: * Os déficits da função simbólica que podem ser observados nas debilidades; * Os atrasos ou os defeitos de linguagem; * Os problemas essencialmente psicomotores. No mais, o mesmo afirma que:

(...) o prazer pela escolaridade é boa, na medida em que as aprendizagens escolares apóiam-se em métodos não tradicionais voltados grandemente para a psicomotricidade. (BOULCH, 1988, p. 31).

A leitura e a escrita para que sejam bem sucedida, requer uma linguagem mais rica e possivelmente correta. E para que a criança desenvolva com êxito essa etapa, em adquirir um vocábulo rico e diversificado, é preciso um grande acompanhamento do educador. Explorar as palavras e pronunciá-las claramente deve ser uma tarefa diária, juntamente com o mediador deste processo.

A escrita é, antes de mais nada, um meio de comunicação e um meio de expressão pessoal. (...) Ele exige, portanto, o desempenho de dois sistemas simbólicos concordes: um, sonoro; outro, gráfico. Estas duas exigências fundamentais justificam a importância concedida à dimensão afetiva e ao nível da função simbólica na aprendizagem da leitura e da escrita. Entretanto, a constituição do código gráfico e sua decifração reclamam, por outro lado, a atuação de funções psicomotoras (*idem*).

Ainda em sua obra **Educação Psicomotora**, Boulch (1988) versa que os pré-requisitos para o desenvolvimento da linguagem pertencem ao âmbito psicomotor e antes de mais nada, a escrita é um aprendizado motor. Por isso, a prática psicomotora objetiva oferecer à criança ,antes de aprender a ler, uma motricidade espontânea, coordenada e rítmica. Sem a prática das mesmas e da orientação (espacial e temporal) surgem as dificuldades de aprendizagem em várias áreas.

Relacionar os problemas de orientação com a dificuldade de aprendizado da leitura é algo clássico e que sobressai da evidência. Da observação desta concordância, passa-se logo a fazer uma relação de causa e efeito (...)
 (...) A dificuldade de orientação e o problema de leitura não passam de dois sintomas ligados à mesma causa: a dislateralidade (BOULCH, 1988,p. 33).

Enfim, se todas as crianças tivessem a oportunidade de conhecer seus limites e vencer seus medos; trabalhando a expressão corporal, lateralidade e noção de espaço, por meio da psicomotricidade, não haveria hoje um alto índice de dificuldades na aprendizagem, como as mesmas apresentam.

Capítulo 5 – O processo de Alfabetização e a Educação Infantil como prevenção das Dificuldades de Aprendizagem

(...) o processo educacional é um complexo que engloba várias dimensões (humanas, sociais, econômicas etc.), as quais, embora se desenvolvam de diversas maneiras, se inter-relacionam sempre, com vistas ao alcance do mesmo fim: o educando (SANTOS e SIMÃO, 1997, p. 7).

Nesse contexto, o sujeito dessa ação é responsável pela absorção de todo esse conhecimento, uma vez que o mesmo seja mediado e não transmitido como meras informações. Discutimos até então, o processo de aprendizagem reformulado, ou seja, um processo que atenda as necessidades básicas de todos os educandos. E para isso, o currículo merece modificações diversas para que de fato se concretize as mudanças. E esperamos contribuir com aqueles profissionais da área da educação - ou não- ao lerem por completo a finalização dessa pesquisa.

Quando pensamos na palavra alfabetização, automaticamente vem em nossa mente o ato de ler e escrever; pois bem, a alfabetização não é só “ler e escrever”, vai muito além destes. A mesma passa por um processo longo e gradativo, o que requer todo um planejamento e pré-requisito básicos. Preparar-se para a alfabetização é buscar conhecer a si mesmo e experimentar sensações novas. Essa experimentação perpassa por toda e Educação Infantil, o que a faz sentir-se mais segura e madura para o início desse processo.

As etapas da Educação Infantil são fundamentais e necessárias a todos os educandos, pois sem ela não há subsídio para processar palavras simples e complexas, textos, músicas e situações inusitadas. Quando o educador recebe uma criança na primeira série, a primeira pergunta a fazer à equipe pedagógica é: essa criança advém de uma educação infantil ? E quando a resposta é não, o desespero transparece em sua face, pois ele será o responsável em alfabetizar e adaptá-la a esse tão desconhecido mundo.

Uma das dificuldades sentidas pelos professores das séries iniciais, é justamente essa, não saber trabalhar com crianças que não apresentam os pré-requisitos vistos como necessários, para uma boa alfabetização. Esses pré-requisitos são facilmente identificados, uma vez que a criança recebe orientação e acompanhamento de um educador ou adulto. Podemos mencioná-los de forma que para muitos estudiosos esses não são obrigatórios, mas ao nosso ver, como versamos no capítulo anterior sobre a psicomotricidade, acreditamos que muitos são os fatores que influenciam em todo o processo de alfabetização, sendo esses uns deles:

- ✓ **Percepção visual, visomotora e coordenação motora:** são atividades que envolvem figuras geométricas, desenhos, letras, sílabas e exercícios musculares. Através dessas o educando será capaz de desenvolver as habilidades de pintar, colar, recortar, contornar, reproduzir e copiar. Realizar movimentos com os olhos, ter noções de espaço (físico,

quadro-negro, papel e folhas de caderno). Essas atividades se bem desenvolvidas pelo educador, tornarão ricas e prazerosas para os educandos;

- ✓ **Percepção gustativa e olfativa:** Atividades onde o educador possibilita à criança perceber que a língua é o principal órgão do gosto. As mesmas são realizadas de maneira concreta para não confundirem os sabores, e só ficarem na imaginação. Já o nariz, a criança precisa diferir das demais, pois é por meio dela que sentimos os odores, e só o indivíduo poderá dizer se é agradável ou não;
- ✓ **Percepção tátil:** Oferecer ao educando objetos de diferentes tamanhos e texturas, para aprender diferenciar os mesmos;
- ✓ **Percepção auditiva:** Atividades dessa natureza é essencial para um bom desenvolvimento da linguagem oral e escrita. Para isso o educador precisa trabalhar com músicas de diferentes repertórios e tons. Por meio dessas o educando será capaz de ouvir com atenção e reproduzir o que ouviu;
- ✓ **Linguagem oral:** Pedir que transmita um recado para um colega ou qualquer pessoa fora de sala, é contribuir para um bom desenvolvimento da linguagem oral. Oportunizar à criança momentos de prazer como a hora do conto (participativo), do lanche, chamada, teatro e outros.
- ✓ **Atividade corporal:** Fundamental para o conhecimento do seu próprio corpo e seus limites; noção de espaço (distância, posição e tempo); lateralidade e orientação espaço-temporal;
- ✓ **Artes:** possibilita ao educando expor seus sentimentos, seus interesses e criatividade. O educador pode intercalar essa atividade com outras, sendo desenvolvida através da expressão corporal, musical e plástica.

Essas são atividades desenvolvidas diariamente em várias salas de aula da educação infantil, porém, cada educador se sobressai de acordo com o seu comprometimento, podendo adaptar e acrescentar outras sugestões, desde que não recaia no método tradicional. E esse método – tradicional - seria um dos fatores para bloqueio da alfabetização, professores despreparados e sem comprometimento, contribuem para uma aprendizagem ineficaz e insatisfatória para educando de qualquer idade.

Sem uma alfabetização de qualidade, a criança se vê insegura e despreparada para prosseguir nas séries adiantes. O que vemos hoje nas escolas, são professores despreocupados em ajudar o aluno a buscar o conhecimento, e preocupados em não receber esse mesmo aluno no ano seguinte, caso retenha ele na mesma série. Essa atitude e

pensamento não seria um despautério? Acreditamos que sim, pois, a nossa profissão é responsável em aprimorar os caminhos a serem percorridos pelos os educandos e no entanto, nos deparamos com educadores descrentes e incapazes de compreender uma criança.

E é com o descompromisso de muitos que insistimos em dizer que o educador é um dos fatores para as causas das dificuldades de aprendizagem, principalmente na área da leitura e escrita. Os educadores que se acham “veteranos” criticam os “iniciantes”, por presenciarem um processo de aprendizagem de qualidade, mas, não vamos discutir esses atos para não acontecer da nossa pesquisa tomar outro direcionamento. Pois, nosso enfoque neste capítulo é apresentar o processo de alfabetização e a educação infantil como prevenção das dificuldades de aprendizagem.

Sabemos que é na educação infantil que a criança irá se preparar (ou deveria) para mais tarde ser alfabetizada, ou melhor, iniciar sua alfabetização; pois essa se faz de forma contínua e até à 4ª série do ensino fundamental. Alfabetizar requer paciência e disponibilidade, pois o mesmo é um processo bastante longo e muitas vezes para a criança dificultoso. E essa dificuldade ao ser percebida pelo educador, deve ser trabalhada de maneira individual, pois, cada criança apresenta suas necessidades de um modo diferente.

O período preparatório deve fazer parte de qualquer educando que inicia na escola, principalmente na educação infantil, pois é por meio dele que irá desenvolver suas habilidades motoras finas e grossas, criatividade, linguagem oral, expressão corporal e expressar seus sentimentos e suas idéias. Para isso, o educador deve estar preparado para momentos de dúvidas e liberdade de seu educando, e esse é o “laço” que deve existir entre educadores e educandos: o respeito, a confiança e a liberdade. Esses aspectos são fundamentais para um bom relacionamento.

Quando uma criança não tem a oportunidade em ingressar primeiramente numa educação infantil, essa se vê em desvantagem das demais. Porém, não quer dizer que uma criança que passou pela educação infantil (maternal, infantil I, II e III), esteja pronta para a alfabetização e demais situações no processo de aprendizagem. Pois, todo esse processo depende da maturação individual e requer todo um cuidado das partes familiar e escolar.

Acreditamos no entanto, que as crianças têm muita facilidade em aprender e quando as mesmas são estimuladas de forma correta e objetiva pelo educador, membro familiar ou responsável, não há como apresentar dificuldades complexas futuras em todo o processo de aprendizagem; principalmente se a família apoia todos os seus trajetos

escolares, desde a participação em reuniões pedagógicas ao auxílio da tarefa de casa, o importante é estar e ser presente.

No que diz respeito ao desenvolvimento intelectual, esse se faz por meio de vivências anteriores para uma reformulação dos fatos. Para Seber (1997) esse desenvolvimento refere-se a um processo dinâmico, caracterizado por idas e vindas. Ou seja, o novo se depara com o conhecimento já existente, resultando assim em uma reestruturação deste. “ Assim, as aquisições precedentes intervêm enquanto conteúdo para a elaboração de uma forma mais ampla de conhecimento” (SEBER, 1997, p. 28).

Evidenciamos porém, que estabelecer regras para o processo de aprendizagem, é o mesmo que massacrá-lo por completo, principalmente no período de alfabetização, já que esse deve ser construído pelo educando junto ao seu mediador – o educador. Essa construção do saber não acontece por acaso, a mesma requer orientação e acompanhamento diário de um profissional da educação para melhor êxito nos resultados. E daí a importância dos pré-requisitos, ou seja, do período preparatório até o momento de alfabetizar-se.

A educação infantil precisa ser compreendida e percebida como um etapa fundamental no ensino básico, isso quando a mesma é de qualidade, pois sabemos da existência de escolas puramente “embromadoras” no seu processo de educar - isso quando não nos deparamos com escolas “emburrecedoras”. Subestimar a inteligência da criança é um ato que perpetua entre muitos educadores. Os mesmos vêem a criança como um ser incapaz de pensar e opinar de forma lógica e coesa. Esses estão cometendo um equívoco, pois, a criança é um sujeito crítico e decisivo em seus atos e pensamentos.

Lembramos no mais, que essa criança deve ser estimulada sempre para não regredir, nem desinteressar-se pelo tão fascinante mundo das letras. Mas, nós educadores não somos mágicos, a criança também precisa mostrar vontade de conhecer e aprimorar suas idéias, e o estímulo é o melhor caminho para esse despertar. Se observarmos com carinho, visualizaremos em nossos educandos uma imensa vontade de aprender a entender as letrinhas tão confusas para ela. E quando esse momento chega, sentimos que de fato nosso trabalho vale a pena.

Por fim, quando a educação infantil ou período preparatório é desenvolvido com qualidade pelos educadores, esses educandos – que por ela passaram - se sentem mais seguros e aptos a enfrentar novos desafios, como o de ler e escrever, sem que esse processo

pareça tão complicado. E essa é a real importância e prevenção para as dificuldades de aprendizagem, principalmente na aquisição da leitura e escrita: preparar-se para o novo!

Capítulo 6 – A aquisição da leitura e da escrita

A partir da análise se alguns elementos teóricos trabalhados por vários autores, como Sisto, Boruchovitch, Fini, e organizadores (2002), “A leitura e a escrita são considerados instrumentos básicos de interação para a vida em uma sociedade que fazem uso dos códigos da escrita. A aquisição da leitura se dá quando o indivíduo consegue direcionar o cognitivo dentro de uma organização lógica que direciona meios de fazer relação significativa de símbolos com situações e objetos que fazem parte de sua experiência de vida”.

Por esse motivo, é visível que os alunos que apresentam dificuldade de aprendizagem quase sempre apresentam déficit de atenção, desordem perceptual, dificuldades em leitura, problemas com a fala e problemas de ordem motora. Também tem-se observado a hipersensibilidade aos conflitos em relação aos companheiros da mesma idade e a baixa tolerância à frustração. Temos crianças com desordem perceptual que quando alfabetizadas por professores que mostram primeiro o alfabeto separado, não admitem a junção de mais de uma letra para formar o som da sílaba dando a impressão da fixação de uma mono-ideia e não admitem mudanças, formando assim bloqueios.

Compreender como a aquisição da leitura e escrita ocorre, ou porque não ocorre, é uma preocupação de vários pesquisadores na área. A leitura de mundo é o início dessa descoberta de códigos e gráficos representativos de mensagens diversa, onde “a maioria do que se deve aprender na vida terá de ser conseguido através da leitura fora da escola. A leitura é uma herança maior do que qualquer diploma” (Cagliari apud Monteiro, 2004, p. 75).

A não decodificação e interpretação desses códigos de forma mais precisa impedem o desenvolvimento do indivíduo na leitura e escrita. Muitas pesquisas são feitas, e as dúvidas ainda permanecem. Estudar uma teoria ou um método de alfabetização bem sucedida é algo ainda “utópico”, pois nunca é apropriado a todas as crianças devido as suas características individuais.

(...) foram experimentados os mais diferentes métodos de alfabetização, ora centralizados em procedimentos sintéticos, isto é, tendo como ponto de partida as

unidades da língua (letra, som, ou sílaba) ora em procedimentos analíticos, iniciando com palavras, frases ou textos. Identificar o “método milagroso” que pudesse assegurar aos alfabetizadores, com garantia de sucesso, os passos formais da língua escrita, era (e continua sendo, muitas vezes) o sonho dos educadores (BORGES, apud MONTEIRO, 2004, p.76).

Com isso, percebemos a importância do compromisso do educador com alunos nas séries iniciais. Um descuido e descaso do professor durante o processo de alfabetização da criança pode interferir negativamente em todo o processo de aprendizagem. O que é óbvio perceber, que a leitura e a escrita não são características genéticas da espécie humana, mas sim, de esforços individuais e de um ambiente estimulante.

Uma pessoa desenvolve bem a oralidade quando estimulada a isso, se uma criança convive em um ambiente com acesso a gibis, livros, revistas e jornais, ela terá mais facilidade de decodificar os símbolos do mundo das letras. Porém, não quer dizer que essa criança terá boa compreensão, pois, esse aspecto deve ser desenvolvido em sua aprendizagem. Para isso, a leitura e a escrita não podem ser consideradas atividades isoladas no processo de desenvolvimento da criança, mas devem fazer parte da evolução da linguagem que se inicia logo nos primeiros anos de sua vida.

No entanto, aprender a ler e escrever é um processo que exige vários fatores para que aconteça uma aprendizagem mais significativa para o aluno, e não apenas numa mera decoração de letras e números. Essa prática exige não somente a mobilização do aluno, mas de todo um processo que venha desenvolver seu cognitivo de forma ativa e participativa no processo de retenção dos conhecimentos.

Esses processos para terem um resultado mais proveitoso, exige o envolvimento de todos: alunos, professor, família, comunidades escolar, etc. O processo de alfabetização talvez seja um dos mais importantes para o sucesso escolar do aluno, pois é nesse período que o aluno faz suas primeiras descobertas do mundo letrado. Se houver fatores negativos à sua aprendizagem nessa fase, a criança poderá levar resquícios de uma má aprendizagem pelo resto da vida, causando assim, o jogo de empurra-empurra entre educadores, criando um círculo vicioso onde a escola culpa o aluno e a família, que culpa o professor, que culpa o governo, que culpa os técnicos, as gestões administrativas... Enfim, no final quem sai prejudicado é sempre o aluno.

Apontar os culpados do fracasso escolar é fácil, o difícil é apresentar caminhos para solucionar as deficiências na aprendizagem. Se cada um assumir seu papel e buscar

soluções adequadas para sanar ou diminuir os altos índices de problemas na aprendizagem, talvez, o insucesso escolar possa ser visto no futuro como uma coisa do “passado”.

No nosso ponto de vista, não cabe somente ao professor a responsabilidade de alfabetizar. Se a criança não demonstra interesse, como irá adquirir um bom desenvolvimento no processo da leitura e escrita?

O fator família nessa situação será de fundamental importância, desde que proporcione um ambiente saudável e favorável para que de fato a aprendizagem aconteça. Pois, sabemos que a aprendizagem também ocorre em outros lugares que não seja a escola. A criança já traz consigo uma bagagem de conhecimentos adquiridos em ambientes externos à escola, e o professor deverá aproveitar todo esse conhecimento em sua prática pedagógica.

Os envolvidos no processo de aprendizagem devem realmente estar comprometidos e interessados para que não haja o insucesso, para mais, nas pesquisas realizadas por Emília Ferreira com relação a aquisição da leitura e escrita, pode-se ressaltar a importância da investigação do “como se ensina” para o “como se aprende”, havendo dessa forma, uma compreensão do papel de cada um dos envolvidos no processo de ensino e aprendizagem. E para que isso ocorra de forma eficaz, é necessário compreender as necessidades dos alunos, seus interesses, bem como considerar a realidade do local de trabalho, e principalmente uma reflexão do educador sobre sua prática.

Segundo Monteiro (2004), “Uma das grandes dificuldades para se propor reflexões sobre as práticas educativas é que aparecem sempre as falas de que a teoria na prática é outra” (...) (MONTEIRO, 2004, p. 78).

Isso se torna bem confuso, pois, professores acostumados com o método tradicional não se disponibilizam a inovar para melhorar o processo de alfabetização. No que se refere a inovação, o melhor caminho para profissionais da educação que querem ser bem sucedidos é pesquisar teorias diversas, buscando assim entender mais sobre a criança que aprende e como orientá-la nesse processo sem desestimulá-las.

A aquisição da leitura e escrita só se fará se o educador também possibilitar em sala de aula, trabalhos em grupos, despertando a criatividade e dando “liberdade” de pensamento, sem perder o controle da sua turma. E qualidades como segurança, tranquilidade e paciência são importantíssimas ao mesmo.

Acreditar no potencial de cada aluno sem a preocupação de transmissão dos conteúdos como mero “computadores e processadores de informação”, é perceber que o

processo educativo volta-se para a aprendizagem e não apenas para o ensino. Independentemente do seu ritmo, o professor precisa oferecer-lhe caminhos diferentes para uma maior assimilação da leitura e escrita. pois, o processo de alfabetização é longo e ocorre de forma contínua, necessitando maior atenção por ambas as partes.

Para mais, apresentar textos variados e promover debates é uma forma de envolver a criança, proporcionando assim, uma aprendizagem significativa. O ato de ler é acompanhado pela curiosidade, alegria, emoção, consolo, medo ou tédio. Tudo decorre de como esse ato é feito, podendo tornar-se habitual, desejado ou indesejado. Isso vai depender como o professor irá trabalhar com as crianças.

Portanto, uma criança que chega à 3^a, 4^a e outras séries seguintes apresentando dificuldades na leitura e escrita, deve-se ao fato de não ter completado corretamente todas as fases indispensáveis ao processo de alfabetização. O que torna o trabalho do docente mais árduo e demorado. Pois, o mesmo ao desenvolver atividades em sala, deverá direcionar com maior acuidade para os que apresentam maior dificuldades e não o contrário. Porém , a realidade presenciada em nossas salas de aulas é algo desesperador; professores estressados e alunos indisciplinados pela ausência de estímulos e falta de apoio familiar.

Por certo, são vários os fatores que interferem no processo de aprendizagem e, no que diz respeito aos fatores externos ao indivíduo, a escola não está isenta de assumir seu compromisso de oferecer os meios para se trabalhar de forma positiva à essas interferências.

Enfim, a leitura e a escrita são atos interligados ou deveriam ser. Com isso, o aluno precisa ser estimulado a compreender esses atos e não simplesmente reproduzi-los. O sucesso pessoal e profissional de qualquer pessoa está diretamente ligado à sua capacidade de ler e escrever, por isso, é fundamental que se ofereça condições para se alcançar um bom rendimento durante as fases no processo escolar.

Diante de tantas possibilidades em resgatar o que foi perdido por alunos que apresentam dificuldades na aprendizagem, os profissionais da educação devem estar abertos a inovações constantes, fazendo sempre reflexões sobre sua prática pedagógica. Pois, mesmos que esses discentes sejam acompanhados por uma equipe psicopedagógica, o maior incentivador de todo esse processo será o docente, por permanecer mais tempo com esse e ser para ele um ponto de referência para sua maturação e realização.

Capítulo 7 – Análise dos dados

De acordo com uma experiência vivenciada em sala de aula com um aluno que apresenta dificuldades na leitura e escrita, realizamos um trabalho direcionado para amenizar as mesmas. No decorrer de nossa pesquisa procuramos expor o importante papel do docente na intervenção das dificuldades de aprendizagem, e nesse trabalho tentamos praticar o que de fato explicitamos nas teoria aqui abordadas. Ressaltamos porém, que o aluno observado integrava (em 2003) uma classe de ensino especial. Hoje, vamos relatar como está sendo o seu desenvolvimento, bem como o seu percurso.

Para isso, precisamos mencionar que além das teorias e fundamentações até então desenvolvidas nessa pesquisa, nos baseamos também nas idéias de Vygotsky. No mais, podemos afirmar que sua teoria não aborda de forma particular a aprendizagem em si, mas o desenvolvimento humano; e suas obras retratam trabalhos que foram realizados principalmente com crianças portadoras de necessidades especiais. Segundo sua fundamentação ressaltamos que:

a aprendizagem conduz ao desenvolvimento, sendo um processo que desencadeia o desenvolvimento. (...) Vygotsky centra-se mais na aprendizagem como desenvolvimento permanente de novos recursos, em lugar de compreendê-la como resultado dos recursos já disponíveis do sujeito. (...) enfatiza mais a aprendizagem como um processo que como resultado (...) (MARTINEZ *et al*, 2003,P. 22)

Essa percepção referente a aprendizagem, condiz com três importantes categorias: **funções psíquicas superiores, zona de desenvolvimento proximal e situação social do desenvolvimento.**

No que se refere a funções psíquicas superiores, Vygotsky acredita que sua característica essencial é que as mesmas são mediadas pelo signo, o que define o simbólico; ou seja, a linguagem é uma ferramenta fundamental para a aprendizagem humana, o que difere de forma qualitativa da aprendizagem animal. Essa explicação correlaciona aos aspectos sociais e a criança que não apresenta dano severo, seu déficit pode ser resolvido na educação.

Já a zona de desenvolvimento proximal refere-se ao desenvolvimento real da criança, que é expressado pelo que ela é capaz de fazer sozinha e o nível de desenvolvimento potencial, expressado pelo que a criança é capaz de fazer com a ajuda de

um outro mais experiente. Ou seja, diz respeito a distância existente entre esses dois níveis. Esse conceito foi e é considerado um dos mais importantes, pois visava novas condições para o processo de aprendizagem:

- Permitiu a representação da criança em suas potencialidades, uma vez que ela não é rotulada pelo que faz no momento atual, mas pelas possibilidades que tem para conseguir novos resultados a partir do apoio do outro. Isso apresenta um horizonte totalmente novo para o processo de ensino: atuar na criação da zona de aprendizagem como processo permanente de desenvolvimento de novas potencialidades da criança;
- Enfatizou o caráter relacional do processo de aprendizagem, destacando a significação da interação com os outros para os processos de aprendizagem e de desenvolvimento (MARTINEZ *et al*, 2003, p. 23)

O conceito de situação social do desenvolvimento, de acordo com Vygotsky definiu-se pelo confronto entre uma situação nova e os recursos psicológicos já existentes. Ou seja, as situações sociais vividas terão uma significação para o desenvolvimento pessoal em função desses recursos preexistentes, criando condições suficientes para assimilar situações novas em sua vida.

Portanto, podemos destacar que Vygotsky evidencia a aprendizagem como uma fonte permanente de desenvolvimento; atribuindo assim uma importância central ao processo de relação. O que de fato comentamos até então.

Relataremos nas próximas palavras a experiência vivida por uma de nossas colegas do grupo, que refere-se a nossa pesquisa. Com base em seu depoimento adequamos o nosso objetivo à análise de sua situação decorrente das dificuldades de aprendizagem

“No ano letivo de 2003, após assumir a regência de uma turma de Ensino Especial, com crianças que apresentavam deficiência mental leve, e sem nenhuma experiência, procurei conversar com colegas que já atuavam na área há algum tempo. As mesmas me disseram que o trabalho dava-se basicamente em promover a socialização entre eles, fazer caminhadas pelas proximidades da escola, realizar atividades na horta, e etc. tudo sem muito compromisso acadêmico.

Entre os alunos havia o Pedrinho¹, uma criança com nove anos, considerado o “terror” do Ensino Especial, pelo seu comportamento anti-social. Pedrinho, de acordo com

¹ Pedrinho: nome fictício atribuído ao aluno para manter a sua identidade anônima, evitando assim possíveis preconceitos.

o diagnóstico psicoeducacional é hiperativo, deficiente mental e NÃO POSSUI PRÉ-REQUISITOS para o iniciar o processo de alfabetização.

No início, em sala de aula, ele se apresentava inquieto, não sentava, falavam muito alto e sem parar; chamava a professora a todo instante para fazer observações negativas dos demais colegas, contava casos policiais colhido das reportagens de televisão ou acontecidos em sua rua, imitava a sirene do bombeiro com sons estridentes e com frequência batia nos colegas, com expressão de felicidade. Não apresentava habilidades motoras para escrever ou mesmo trancar e destrancar uma porta, não elaborava cálculo mental (1+1) e quando a avó paterna ia buscá-lo na escola, ele multiplicava, diante dela, todas as suas peraltices.

Ao observá-lo, achei curioso o quanto ele descrevia noticiários assistidos na TV, bem como fatos ocorridos na rua e em casa com riqueza e detalhes. Se ele tem capacidade de contar fatos ocorridos anteriormente, ele também poderá aprender alguma na escola?

Decidi então, iniciar o processo de alfabetização com ele, de forma individual, proximal e todos os tipos de intervenções possíveis, para tentar responder à minha própria questão.

Nosso percurso foi árduo, porém satisfatório. As letras antes feitas com muita dificuldade e lentidão, passaram a ser uma rotina prazerosa e diária; e quanto ao processo de alfabetização, ele passou a dominar o ato da leitura em menos de três meses, onde lia e interpretava com muita rapidez. Isso tudo só pode acontecer pela nossa persistência e interesse, antes nunca despertado.

Lembramos, porém, que os pré-requisitos necessários ao processo de alfabetização, foram desenvolvidos com base na prática psicomotora. Resgatando sua auto-estima e confiança, conceitos esses que não foram trabalhados por seus educadores anteriores. Essa prática influencia de forma positiva em todo o desenvolvimento da criança, alcançando assim sua autonomia e independência.

Hoje, Pedrinho se encontra na terceira série do Ensino Fundamental (regular), e desenvolve atividades de acordo com a série; pratica natação e faz curso de computação. Lê o evangelho todos os dias para a sua avó – pois a mesma não o faz sozinho – lê notícias de jornais para o avô - que ouve com lágrimas de alegria. Já as características apresentadas inicialmente – indisciplina, desinteresse, agressividade...), não as apresentam mais.

Toda essa mudança só foi possível, devido o envolvimento de todos – avôs, professores, colegas de classe – e principalmente o trabalho individual e direcionado pela minha pessoa. No entanto, acredito que a troca existente entre as pessoas, é círculo permanente e favorável a qualquer melhoria educacional; no mais, acreditar na potencialidade do educando, principalmente quando esse é portador de alguma deficiência física ou mental, é fundamental.” (seguem em anexo algumas atividades realizadas com o aluno Pedrinho).

Analisando o relato dessa professora e demais situações a nós divididos, percebemos e compreendemos o caso particular de Pedrinho, que segundo o entendimento por parte do grupo de professores que vinham atuando na prática pedagógica com ele, acreditavam na idéia de que a aquisição de novos conhecimentos e progresso no campo do intelecto já estava saturada. Seguem em anexo

Pois bem, a prática pedagógica usada estava sendo centrada no campo da socialização com os demais colegas, passeios pelas ruas próximas, regar a horta, etc. E para adquirir novos resultados em relação à Pedrinho, foi preciso trabalhar na zona proximal porque, disperso no meio de outras crianças a sua atenção era desviada para observar o que os demais colegas faziam ao seu redor.

Partindo dos pressupostos em trabalhar com o conceito da zona proximal, a professora passou a atuar junto ao aluno, oferecendo de forma gradual novos desafios e caminhos de vencê-los, fazendo com que houvessem possibilidades de tentar o número de vezes que fosse necessário até conseguir os resultados esperados.

O apoio do professor nos casos como o de Pedrinho é fundamental, e para alcançar êxito é necessário otimismo e perseverança para interiorizar novos caminhos e mudanças constantes. Pois, a aprendizagem para ser significativa tem que ser verdadeira, para de fato fazer a diferença.

Partindo deste princípio, o educador atuante oferecendo atividades que favoreçam o desenvolvimento da criança, estará contribuindo para uma aprendizagem mais completa e permanente, pois estará visando as novas potencialidades da criança. O que para Pedrinho, essas desabrocharam e o conceito a ele atribuído de DM (deficiente mental), passou a ser de um aluno muito inteligente, onde o processo de aprendizado é assimilado com muita facilidade e significação.

A capacidade das crianças com dificuldades na aprendizagem, em realizar tarefas sozinhas, quase sempre não chegam a níveis satisfatórios, porém, o potencial

apresentado quando o professor atua na zona proximal, transforma-se de forma significativa, atingindo assim com maior precisão os níveis esperados. Esses resultados vem se confirmando ao longo da prática pedagógica baseada na teoria de Vygotsky.

Sendo a aprendizagem um processo permanente de desenvolvimento da criança, em momento algum as crianças com dificuldades de aprendizagem devem deixar de serem estimuladas, tendo como justificativa rótulos de que não aprendem porque apresentam deficiência mental e que as esperanças estão esgotadas.

Cabe aos profissionais de educação agir com atenção, dedicação e objetividade com relação aos educandos portadores de deficiências físicas e mentais. Quando a prática pedagógica diverge das necessidades do aprendiz, e os pais não buscam ajuda fora da escola, o fracasso escolar é quase certo.

Há professores que quando o aluno apresenta dificuldades em sala de aula, como aqueles que não assumem as responsabilidades de realizarem as tarefas ou quando atrapalham o andamento da prática pedagógica em sala de aula, passam a ser tratados por parte da professora com indiferença e deixam de receber atenção. No lugar da indiferença, faz-se necessário a pesquisa de novas estratégias da prática pedagógica, e que o compromisso profissional supere tais dificuldades em todo o processo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Perceber as dificuldades de aprendizagem como interferência dos fatores externos ao indivíduo é um início de reversão para as mesmas. Pensar que as causas se encontram apenas no indivíduo é cometer um grande equívoco. Por vezes, uma criança que demonstra leve “deficiência” no processo educacional se for ignorada pelo professor e demais adultos, poderá aumentar as chances de permanecer com as mesmas dificuldades.

Expor a criança ao ridículo, tachando-a como lento ou incapaz, é estar vedando-a totalmente para o sucesso escolar. Desclassificá-la diante dos outros e individualmente só acrescentará negativamente ao medo, angústia, insegurança e insatisfação. Se ela não convive diariamente com nenhum tipo de elogio ou incentivo em casa ou na escola, suas chances de obter sucesso em sua vida escolar fica bastante limitado.

No que diz respeito à aprendizagem, a escola torna-se para a criança o órgão facilitador de incentivo, devendo ser um ambiente agradável e favorável para um aprendizado significativo. Não se pode rotulá-la por não conseguir ler e escrever, esses são atos gradativos e que merecem uma atenção especial de quem os desperta.

O educador “facilitador” da aprendizagem preocupa-se com todo o processo da aquisição da leitura e escrita e não apenas com partículas denominadas como ensino. Essa palavra “ensino” se torna mecânica e vazia diante de tantas transformações a serem feitas por essas crianças. Essas transformações quando levadas a sério são percebidas por todos como “milagre”. Porém, sabe-se que este se deu por esforços e pelo envolvimento de todos os fatores: família, escola, alunos e professor.

É preciso acreditar que a defasagem na aquisição da leitura e escrita está no como, aonde e com quem realizar as atividades deste processo. Um ambiente agradável, com colegas de grupo e um professor paciente e mediador só beneficia e edifica o momento da aprendizagem.

Outro fator influenciador é a prática diária da psicomotricidade, sem a mesma não há como alcançar a autonomia e independência tão desejada e esperada. Observar a criança de longe, permitindo uma liberdade de escolha e criatividade é um dos objetivos dessa prática.

A maturação é a busca constante desses educandos que por sua vez se vêem longe de interiorizá-las; o que faz os educadores apresentarem atividades psicomotoras que irão trabalhar com os mesmos, para assim desenvolver qualidades ocultas, a ponto de

torná-las permanentes. Outro ponto a ser questionado são os medos, angústias e anseios de crianças não compreendidas, nem atendidas adequadamente. E com a prática da psicomotora esses “fantasmas” diminuirão aos poucos, de modo a sumir por vez.

Uma criança bem resolvida e com excelente comunicação, se sobressai a qualquer dificuldade surgida em seu caminho, porém, a criança com características contrária as essas, sofrerá muito principalmente se não for atendida por profissionais especialistas na área. Estar atento às características dessa natureza é um cuidado a ser tomado pelo docente em suas atividades realizadas em sala de aula.

Mostramos nessa pesquisa que existem caminhos diferentes para solucionarmos quaisquer dificuldades de aprendizagem, sejam elas causadas por fatores internos ou externos, o que importa de fato é a intervenção feita com qualidade e contínua nas dificuldades de aprendizagem. Sendo que o mediador de todas essas intervenções será sempre o educador.

Sabemos então, que há recursos de prevenção para as dificuldades, e como citamos no presente trabalho, acreditamos que a educação infantil e o processo de alfabetização são uns dos meios. Preparar-se com precisão e prontidão para a alfabetização é o que se espera da educação infantil. Portanto, a mesma deve ser de qualidade, onde possibilita a criança descobrir o seu mundo interior e exterior, vencer seus medos, liberar sua criatividade e fantasias, de forma que valorize toda a sua bagagem cultural.

Por fim, as dificuldades de aprendizagem existem, sejam elas decorrentes de fatores internos ou externos ao indivíduo. Porém, muitas delas não são eternas, basta que haja mais compromisso e vontade de descobrir novos caminhos para superá-las...

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BOULCH, Jean Le. **Educação psicomotora**. 2. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1988.
- CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetizando sem o bá- bé- bi- bó- bu**. São Paulo: Scipione, 1999.
- DROUET, Ruth Caribe da Rocha. **Distúrbios da Aprendizagem**. São Paulo: Ática, 1990.
- FERREIRO, E. & Palácio, M.G. **Os processos de leitura e escrita: novas perspectivas**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1987.
- FONSECA, V. da . **Introdução às Dificuldades de Aprendizagem**. 2 ed. Ver. Aum. Porto Alegre: Artmed, 1995.
- JOSÉ, Elisabete da Assunção & COELHO, Maria Teresa. **Problemas de Aprendizagem**. São Paulo: Ática, 1999.
- MARTINEZ, Albertina mtjans, et al. **Aprendendo a aprender** (módulo 5). Brasília: UniCEUB, 2003.
- MONTEIRO, Mara M. **Leitura e Escrita: uma análise dos Problemas de Aprendizagem**. Rio de Janeiro: Vozes, 2004.
- MORAIS, Antônio Manuel Pamplona. **Distúrbios da Aprendizagem: uma abordagem psicopedagógica**. São Paulo: EDICON, 2003, 10 ed.
- MOSQUERA, J. J. M. O processo de aprender. In: **Psicodinâmica do aprender**. 2. ed. Porto Alegre: Sulina, 1977.

- NUNES, Terezinha, BUARQUE, Lair, BRYANT, Peter. **Dificuldades na Aprendizagem da Leitura: Teoria e Prática** 3. ed. São Paulo: Cortez, 2000.

- PÉREZ, Francisco Carvajal, GARCIA, Joaquim Ramos & colaboradores. **ENSINAR OU APRENDER A LER E A ESCREVER?** Aspectos teóricos do processo de construção significativa, funcional e compartilhada do código escrito. Porto Alegre: Artmed, 2001.

- PILLET, Nelson. **Psicologia Educacional**. 16. ed. São Paulo: Ática, 1999.

- SÁNCHEZ, Pilar Arnaiz, MARTÍNEZ, Marta Rabadán, PEÑALVER, Iolanda Vives. **A psicomotricidade na educação infantil – uma prática preventiva e educativa**. Porto Alegre: Artmed, 2003.

- SANTOS, Gláurea Basso dos, SIMÃO, Sueli Parada. **Processo de Alfabetização (Subsídios para um trabalho eficiente)**. 10. ed. São Paulo: ática, 1997.

- SEBER, Maria da Glória. **A escrita infantil o caminho da construção**. São Paulo: Scipione, 1997.

- SMITH, Corinne & Strick, Lisa. **Dificuldades de Aprendizagem de A a Z: um guia completo para pais e educadores**. Porto Alegre: Artmed, 2001.

- STERNBERG, Robert J. **Crianças Rotuladas: o que é necessário saber sobre as dificuldades de aprendizagem**. Porto Alegre: Artmed, 2003.

- TEBEROSKY, Ana, CARDOSO, Beatriz, orgs. **Reflexões sobre o Ensino da Leitura e da Escrita**. 5. Ed. Petrópolis: Vozes, 1993.

ANEXOS